ANO 14.º LISBOA — SEXTA-FEIRA, 29 DE MARÇO DE 1935 N.º 4439

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PUBLICAMOS hoje mais uma lista ministerial. Esta foi elaborada pela Imprensa de além-Atlantico, para fazer a felicidade dos desejados Estados Unidos da Europa. E' como segue: Presidente do Conselho. Mussolini; Negocios Estrangeiros, Litvinoff ou Laval; ministros de Estado, MacDonald e Herriot; Comercio, Flandin; Finanças, dr. Schacht; Propaganda, dr. Goebbels; Ar, marechal Balbo; Guerra, marechal Petain; Interior, Jovtitch; Instrução, Benés.

Não se pode dizer que os americanos tenham perdido completamente o sentido do humorismo.

★ ★ ★

NA população dos liceus grassa a epidemia da gripe. Uns liceus estão fechados; outros não.

A que obedece este criterio? Talvez ao numero de doentes; admite-se que assim seja.

O certo é — dizem varias cartas que recebemos — que nos liceus de Passos Manuel e de Pedro Nunes ha muitos alunos doentes, e que frequentam as aulas, contra o parecer dos medicos, para não perderem o ano por faltas.

Será assim?

★ ★ ★

VOLTA a agitar-se a questão do Estatuto de Tanger, e Portugal não pode manter-se indiferente em face da possivel modificação daquela zona internacional que antes custou aos nossos maiores tão gloriosos sacrificios.

José Esaguy, que se encontra em Lisboa e ha anos reside em Tanger, fará na Sociedade de Geografia, no dia 8 de abril proximo, uma conferencia que tem por titulo «Tanger de Portugal».

★ ★ ★

PARTE amanhã, no Sud, *para Paris, o ilustre professor da Faculdade de Medicina, dr. Reynaldo dos Santos, que vai realizar algumas conferencias medicas, na Sorbonne, a convite da Sociedade de Ciencias Medicas.*

O eminente professor, tambem a convite da Sociedade de Belas Artes, realizará duas conferencias sobre «arte antiga», no Museu de Belas Artes.

★ ★ ★

FOI condecorado com a comenda de Cristo o ilustre jornalista brasileiro Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro.

O sr. Rafael Correia de Oliveira, que foi tambem condecorado pelo Governo Brasileiro, não é o adido comercial á embaixada do Brasil em Lisboa, que tem o mesmo nomc.

★ ★ ★

NO mês de abril devem entrar no Tejo 63 paquetes, dos quais 11 são de excursionistas. Do total 23 são ingleses e 15 alemães.

Para o mês de junho — mês das festas de Lisboa — o numero de barcos excursionistas deve subir a 20.

REFLEXOS

O dr. Sousa Gomes escreve, na secção «A' Margem do Trabalho» que publica semanalmente o *Diario de Noticias:*

— «Discutiu-se, ha dias, o problema da função social dos gremios corporativos, afirmando-se que alguns dela se esqueceram para se preocuparem mais com a sua função estritamente economica em prejuizo da primeira».

Estas palavras oportunas obedecem ao desejo de colocar o «social» acima do «individual» que inspirou a fundação dos gremios. O egoismo, porém, aceita os conselhos, mas declina os deveres. Não é a primeira vez que se diz aos varões agremiados:

— Moderação nos apetites e larguesa nas obrigações.

Infelizmente as unhas recurvas vêm primeiro que as unhas polidas. A obra educativa do pensamento corporativo caminha lentamente, mas irá cavando o seu sulco. Demanda tempo e zêlo apostolico. No dia em que esteja aperfeiçoada, far-se-á o enterro das derradeiras larvas que se agarram á triste rotina, qual a ferrugem ao ferro.

■

No banquete que ontem á noite se realizou em Moscovo, Litvinoff brindou:

— «Bebo á saude de Sua majestade o rei de Inglaterra.»

O brilho duma corôa real, no Estado comunista, tinha de causar espanto. A Russia, que já foi apelidada de nomes feios e infamantes, á proporção que vai compondo o rosto, lava certas manchas de sangue.

Staline nunca será comparado a Luiz XIV, o rei-sol. O podas metatoras não chegará a tal.

Mas o facto de se erguer uma taça, onde o «Champagne» faisca, reflectindo fulgores dos velhos lustres imperiais, não deixa de impelir os homens — por muito rebeldes que sejam — a fazer algumas concessões ao protocolo.

Importa tambem não olvidar que a Inglaterra é um bloco enorme de aço e granito e que bem no topo, visivel de todas as latitudes, está um homem de manto e corôa.

■

O general João de Almeida fez ontem uma conferencia na Escola Central de Oficiais, em Caxias, na qual disse que o exercito e a nação, em caso de guerra, constituem elementos necessarios e conjugados na sua acção.

Estamos na hora em que as sentinelas pesquisam no horizonte a passagem do tufão.

Quem faz como o avestruz, que mete a cabeça debaixo da aza, quando o qerigo se avizinha, acontece-lhe o mesmo que ao passaroco desajeitado e pernalta — cair na mão do caçador.

— «Impende sobre nós qualquer ameaça?» — indagam os timidos e tambem os maliciosos. Sem pretendermos desvendar os segredos das chancelarias, podemos responder:

— «O céo está limpido e Portugal não tem inimigos confessos.»

Como a paz que disfrutamos é um bem precioso, urge conservá-la ciosamente, protegendo a contra um dos seus maiores adversarios — a cega credulidade.

Que será o dia de amanhã? Quem ousa garantir-nos que o futuro virá para nós, como mensagem de eternas venturas?

Estas preguntas impõem-nos as cautelas que emprega, aliás, todo o bicho que, á face da terra, cuida do pão, do celeiro e da posse tranquila do seu lar feliz.

O general Jeão de Almeida, antes de concluir a sua edvcativa conferencia, lembrou:

— «Em tempo de guerra, o exercito é toda a nação.»

Ninguem sustentará que ele não usou da linguagem que até os surdos entendem.

EMIL Ludwig, continuando a sua reportagem acêrca da Abissinia, acrescenta o capitulo da acção que os portugueses ali tiveram, dizendo que o descobrimento do Nilo Azul se fez graças aos trabalhos das missões, bem como o do Nilo Branco. «Este descobrimento — diz Ludwig — foi feito por portugueses, e como a Abissinia estava aberta á comunicação alguns seculos antes que Uganda, pode considerar-se esta descoberta duzentos anos anterior.

A ciencia e a fé colaboraram, apesar dos seus principios opostos e, sendo os missionarios tambem medicos, quizeram os abissinios que ali ficasse um medico português que foi elevado á categoria de patriarca da Abissinia. Os missionarios eram tambem geografos, e o padre Pais, que tinha convertido o rei Claudius, descobriu a fonte do Nilo; e o seu sucessor, padre Lobo, confirmou as referencias do descobrimento.

Como se verifica, o biografo dos actuais chefes europeus está agora fazendo a biografia dos portugueses que foram chefes na Abissinia.

★ ★ ★

UM telegrama da Imprensa expedido ontem de Londres ás 23 horas, e recebido em Lisboa oito minutos mais tarde, foi entregue ao seu destinatario depois das 9 horas de hoje. Levou mais de dez horas desde o Terreiro do Paço até ao Campo Pequeno. Deve-se acrescentar que o telegrama em questão destinava-se a uma informação para a Imprensa e era dirigido a um endereço telegrafico — cujo registo em Portugal custa 300$00.

Lêmos ha dias num jornal inglês que a correspondencia de Boas-Festas do Natal de 1933, dirigida ao consul inglês em Kashgar, foi ali recebida no Natal de 1934. Guardadas as devidas distancia — até este «récord» de velocidade foi batido ontem pelos boletineiros de Lisboa.

★ ★

FAZ agora 40 anos que Louis Lumiére apresentou á Sociedade francesa para o progresso das industrias o seu invento: a cinematografia. O primeiro filme foi «A saida dos operarios das fabricas Lumiére.

Em Roma está-se celebrando o acontecimento, com a presença do inventor convidado pelo governo italiano.

E um gracioso espectaculo se presenceará numa sala de cinema: o correr de uma certa quantidade de fitas de ha quarenta anos até á data, assinalando os progressos, inovações e aperfeiçoamentos da arte e industria cinematografica.

★ ★ ★

O CONSELHO Superior de Belas Artes aprovou o plano do pintor Abel Manta para construção do vitral destinado á igreja dos Jeronimos.

Sabemos tratar-se de uma formosa obra de arte, em tudo digno do talento e da probidade do ilustre artista.

A este numero do "Diario de Lisboa" corresponde um suplemento literario de oito páginas

TEATROS E CINEMAS

"As Pupilas", no Avenida

Caíu possivelmente no gosto apurado do nosso publico a peça em cena no Avenida As Pupilas do sr. Reitor, *que tem de seu lado, a aplaudi-la, a proclamá-la, toda a gente que adora os espectaculos de beleza, sãos, puros, brancos, deliciosos de ternura como este, reprodução fiel e exacta do adoravel romance de Julio Deniz.* As Pupilas do sr. Reitor, *que todas as noites se representa no Avenida, agora mais bonito e elegante, sempre com os melhores lugares povoados pelas mais distintas familias de Lisboa, dá no proximo domingo a sua segunda «matinée», ás 15 e 30 horas, para acolher todos quantos adoram os espectaculos diurnos, realizando-se, á noite, mais duas sessões.*

Recital Anita Patricio

Anita Patricio é uma das musas inspiradas do nosso lirismo. Na sua voz de oiro, tecida em milagres de harmonia, têm perpassado em canto e beleza, sonho e ritmo, os versos mais belos e nobres da nossa lingua. Artista dramatica, de culto perfeito, Anita Patricio é hoje, talvez, a nossa recitadora de maior emoção, a de mais vida interior, cuja sensibilidade se comunica, em fremitos de entusiasmo ao publico, arrancando-o do vil quotidiano para os seus infinitos de beleza e do sonho. Anita Patricio realiza no proximo domingo, á tarde, no Nacional, um recital dalguns dos maiores poetas da latinidade. Anunciado este acontecimento temos a certeza de dar aos nossos leitores uma noticia grata ao seu espirito e á sua cultura.

Maria Clementina

Maria Clementina, que pela sua graça e pelo seu talento marcou um lugar a todos os titulos interessante no nosso teatro, vai realizar nos primeiros dias do proximo mês a sua costumada festa no teatro Nacional. E' de esperar uma noite de arte porque Maria Clementina, sempre acarinhada do publico que ela conquistou com a sua graça naturalissima, escolheu acertadamente a peça «A boneca e os fantoches», de Ramada Curto, para melhor e mais á vontade impôr, num papel a caracter, as suas faculdades de grande comediante.

"Pupilas do Sr. Reitor"

Realiza-se no proximo dia 2 de abril, ás 16 horas, no cinema Tivoli, a «matinée» dedicada pela Tobis Portuguesa aos seus accionistas, para a exibição do filme «Pupilas do sr. Reitor».

Atrás do reposteiro

— José Alves da Cunha, logo que termine a sua actuação no Avenida, onde está representando a peça *As Pupilas do sr. Reitor*, voltará a dirigir a sua companhia, que deve reaparecer no Carlos Alberto do Porto, no sabado de Aleluia, possivelmente com a peça *Don Imenso*.

Só hoje se efectua neste teatro a estreia da companhia Rafael Marques com a revista *Zé dos Pacatos*.

— Começaram hoje, no Avenida, os ensaios de córos da revista *Zé dos Pacatos*, que naquela casa de espectaculos vai ser remontada, para subir á cena ainda este mês, com Luiza Satanela, Irene Izidro, Maria Helena, Filomena Lima e Mariamelia nos principais papeis femininos.

— A reentrada da companhia Rafael Marques, no Apolo, no sabado de Aleluia, far-se-á, não com a opereta *As Pupilas do sr. Reitor*, mas com a nova revista *O Rápa*.

— John Buck e a sua *troupe* esperam poder exibir-se brevemente, num dos nossos teatros, para o que estão já em negociações.

— «Eurindia Films», empresa mexicana, anuncia a proxima estreia de uma fita cinematografica extraída do romance de Eça de Queiroz, *O Primo Basilio*, que será exibida com este titulo.

— Em pleno exito continua em cena, no Avenida, em duas sessões, a monumental peça *As Pupilas do sr. Reitor*, que dia a dia aumenta o seu prestigio e no domingo dá a sua segunda «matinée» e duas sessões nocturna .

— Beatriz Costa está já estudando três dos numeros que vai interpretar na revista *Bola de Neve*, em ensaios no Trindade.

— No domingo, 7, realiza-se no Apolo, em duas sessões, recitas extraordinarias pelo Grupo Dramatico de Cascais, com a opereta *A Mouraria*, revertendo o produto, na sua totalidade, a favor do cofre de beneficencia do governador civil de Lisboa.

— Os «compéres» da fantasia «Avante, Portugal!» que faz amanhã, em duas sessões, ás 20 e 45 e ás 22 e 45, a sua primeira representação no Coliseu, são os populares artistas comicos Margarida Martinó e Armando Machado.

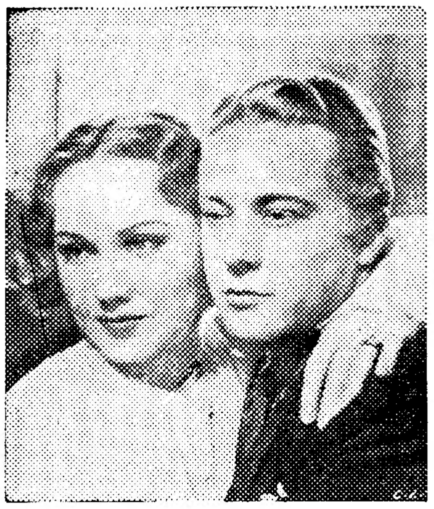
—Confirmando a nossa noticia de ontem, podemos informar que só até depois de amanhã o publico terá ensejo de admirar, no Nacional, a preços acessiveis, a opera-comica «O Solar dos Barrigas» e a revista «Ondas curtas» Segunda-feira, «reprise» de «Cinco lobitos», grande criação de Amelia Rey Colaço e peça de extraordinario exito nesta época.

—Abre hoje o Pavilhão Português, apresentando Douglas Fairbanks no filme «A volta ao mundo em 80 dias».

—No Capitolio realiza-se amanhã uma «matinée» da moda com baile sendo a entrada por convites.

—No teatro Maravilhas, de Madrid, estreou-se com grande exito o «Trio português de baile», formado pelos artistas Cressy, Charles e Francisco Costa.

"A profissão de Ann Carver" no Central Cinema



Uma cena do filme, com Fay Wray e Gene Raymond

Em virtude dum lamentavel desastre, de que resultou inutilizar-se a 4.ª parte do filme «David Golder», o Central Cinema apresenta , hoje, em estreia, um filme, de grande classe, que deve provocar um vivo e merecido agrado, junto do publico. Trata-se de «A Profissão de Ann Carver». São seus interpretes dois artistas ha muito consagrados nas nossas telas: Fay Wray e Gene Raymond. Tanto um como outro vivem uma novela cuja urdidura constitui um primoroso espectaculo de imaginação. Realizou-o Eddie Buzzel, um cineasta de grande alento, que soube fazer deste filme não uma dissertação filosofica e maçuda mas um espectaculo tratado, melhor, encorporado num ambiente em que as atracções, os efeitos e situações são sugeridas em imagens certeiras, expressivas, superiores de arte e equilibrio. O assunto apresenta-se, assim, tratado com uma leveza, digamos, com um jeito de arte e de probidade que interessa e prende a plateia da primeira á ultima imagem.

O argumento é um modelo de construção. Não é facil enumerar as suas qualidades. Toda a sua consecução desenrola-se em volta do orgulho dum jovem advogado que esquece a sua dignidade de homem para não viver á custa da sua mulher, celebre advogada. Envolto, porém, nas malhas dum crime, quem ousará tomar a sua defesa?

«A profissão de Ann Carver», que, decerto, vai alcançar um grande exito de publico e de critica, é apresentado pelo «S. U. S.».

Actualidades

Estuda-se, activamente, na Argentina, um plano de produção nacional. Este país é o unico no mundo onde os directores das salas de espectaculos não se queixam da crise, visto em 1934 — as estatisticas o provam—as receitas aumentaram 15 por cento sobre as de 1933.

— Em Paris, corre o boato de que Ramon Novarro, fará este verão um filme em França.

— Baltazar, um dos nossos maiores cenografos, e qu tantos elogios, merecidamente, lhe dirigiram quando apresentou no edificio central dos Grandes Armazens do Chiado o seu grande cartaz *Viva Villa*, exito sem precedentes, vai meetr pinceis a um novo trabalho, para o mesmo local, sobre a *Viuva Alegre*.

Será bom, agora, consultar o *Borda de Agua*, não venha, outra vez, o deus Eolo e lhe rasgue a pintura...

— Marcel Pagnol vai fazer um documentario religioso, focando a exposição catolica que se realizará no proximo mês de maio em Marselha.

— Dita Parlo assinou um contrato para fazer a protagonista do filme «La femme blanche du Radjah». Os exteriores passam-se em Viena, para onde partiu já a distinta artista.

—Oficialmente, a empresa exploradora do Politeama anuncía ao publico a estreia, no sabado de Aleluia, da sua temporada de teatro com uma companhia de comédias, de que vai ser director e primeira figura do elenco o actor Nascimento Fernandes.

—Um artista do nosso teatro, «doublé» de escritor teatral, concluiu uma comédia a que pôs o titulo «Quando aparece o João...».

—Para a reaparição de Luisa Satanela, conforme noticiámos, vão começar, no Avenida, os ensaios da revista que vai subir á cena neste teatro, no proximo mês.

—Um dos nossos empresarios dispensau, ha dias, todo o corpo coral do seu teatro, que vai substituir por novos elementos.

—São de Armando Bruno e de Gomariz os figurinos do guarda-roupa, para a revista em ensaios, no Trindade, «Bola de neve», confiado aos «ateliers» Paiva.

—Domingo proximo realiza-se, no Coliseu, a primeira «matinée», com «Avante, Portugal!», a fantasia que deve ser vista por todos os portugueses, certo é que os estrangeiros tambem a vão apreciar como peça que se pode colocar a par dos melhores êxitos lá de fóra.

Na «matinée» as crianças até 10 anos, devidamente acompanhadas, terão entrada gratuita.

— «A dansa dos milhões», peça actualmente em ensaios para se seguir á famosa comédia «Deus lhe pague», em pleno êxito no Gimnasio, será interpretada por Ester Leão e Herminia Tavares, Procopio Ferreira, Alexandre Azevedo, Henrique Albuquerque, Aurelio Ribeiro, Tarquinio Vieira, Alfredo de Sousa, Carlos de Sousa e Henrique Pereira.

A seguir «A dansa dos milhões» tem lugar uma peça que terá como interpretes de três grandes papeis, Lucilia Simões, Maria Sampaio e Erico Braga.

POLITEAMA Telef. 2 6305 — AMANHÃ sabado A's 17 horas

O CELEBRE PIANISTA RUSSO

MOISEIWITSCH

E A

ORQUESTRA SINFONICA PORTUGUESA

sob a regencia do Maestro PEDRO BLANCH

Programa: Concertos de BEETHOVEN (5.º) e TSCHAIKOWSKY com orquestra Scherso, 2 preludios e estudo de CHOPIN Variações de PAGANINI-BRAHMS.

ESTE CONCERTO NAO SERA' IRRADIADO

Teatro Nacional

HOJE — A's 21 e 30 — HOJE

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

A preços normais

DA ENCANTADORA OPERETA

O Solar dos Barrigas

e a revistinha

ONDAS CURTAS

com FRANCIS, RUTH WALDEN e toda a Companhia

Segunda-feira, 1. Reposição da encantadora comedia CINCO LOBITOS extraordinaria criação de Amelia Rey Colaço

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e explendido café á chavena.

GIMNASIO Amanhã A's 9 3|4

O grande espectaculo de Lisboa

A peça social em 3 actos de Joracy Camargo

DEUS LHE PAGUE

Assombrosa criação do grande actor brasileiro

Procopio Ferreira

Hoje á noite não há espectaculo

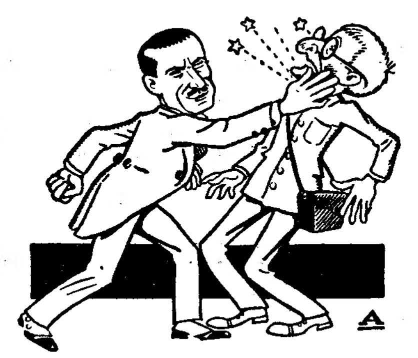
Amanhã, ás 9 3|4 da noite, a peça:

DEUS LHE PAGUE

Domingo Matinee ás 3 1|2

"O Arroz Doce"

Uma comedia que é um assombro de graça; uma peça alegre que vale por três das melhores: um espectaculo desopilante, que cura todas as tristezas e arrelias; um passa-tempo que vence e triunfa de todas as atracções, por maiores que sejam:—«O Arroz Doce»; todas as noites, no Variedades, em espectaculos por sessões. Mas sobretudo isto, o melhor, o assombro deste es-



pectaculo é o seu protagonista, esse assombroso actor comico Nascimento Fernandes, que a fazer, todas as noites, o seu fenomenal «Paulino Dias», professor de guitarra, é inexcedivel e simplesmente estupendo, como estupendo e inexcedivel é o seu camarada Antonio Silva, na sua hilariante personagem.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — TELEF. 2 7172 — Ouve o meu coração com Jan Kiepura e Martha Eggerth — A's 21 e 30

CENTRAL — Telef. 2 4381 — ESTREIA — A profissão de Ann Carver com Fay Wray e Gene Raymond — A's 21 e 30

CONDES — TELEF. 2 2523 — O Corcunda com Vidalin, Josseline Gael, Jim Gérald. — A's 21 e 30

ODEON — Telef. 2 6.83 — O Danubio Azul — A's 21 e 15

PALACIO — com Brigitte Helm e Joseph Schildkraut — Aniakchak, o Preludio do Inferno — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163

POLITEAMA — Telef. 2 6305 — Fiel ao seu amor com Sylvia Sidney — Casa Internacional — A's 21 e 30

PARIS — Tel. 2 8/7/ — Soiree ás 8 e 45 — As Mulheres e o Idolo — A Mulher dos Cabelos Vermelhos — Matinees ás 5 as sab e dom. ás 3 h.

TERRASSE — Os miseraveis — Às 21 e 15 — Telef. 2 0917 — exibição completa

LYS — Telef. 4 8560 — Os miseraveis — As 3 jornadas — ás 20 e 15

ROYAL — O Homem invisivel — Beijos de Veronica — ás 21 e 15 — Telef 4 5037

JARDIM CINEMA — Domingo: de tarde e á noite — Uma Estrela de Cinema — O Ladrão — ás 20 e 45

Almoço de confraternização

Um grupo de sargentos, cabos e soldados do Batalhão de Sapadores dos Caminhos de Ferro, que fez parte do C. E. P., comemora no proximo dia 5 de maio o 17.º aniversario da sua chegada a Portugal, com um almoço de confraternização para o qual ha já grande numero de inscrições.

Café Luso

Hoje cantam, das 21 ás 24 horas, os estimados artistas Margarida Pereira, que se fará ouvir, com respeito, no seu lindo e variado repertorio, e Francisco dos Santos, que manterá a selecta assistencia em constante riso, com os seus fados humoristicos e tangos comicos. Noite de alegria!... Bem estar unico no seu genero. Ar sempre renovado por aparelho proprio.

Tem cabelos brancos?...
Use **RUTHER**.
A' venda na **Drogaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, L.ª** Rua da Prata, 99, 101.

DESPORTES

Portugal-Espanha em "foot-ball"

Os desafios internacionais, sobretudo aqueles que são disputados contra a Espanha, costumam despertar um grande entusiasmo, registando o Estadio do Lumiar grandes enchentes.

Por isso mesmo, a Federação trata já de estabelecer tudo quanto diga respeito a marcação de bilhetes. Os preços dos bilhetes são os seguintes: camarotes de 7 entradas, 210$00; camarotes de 5, 150$00; camarotes de 3, 100$00; senhas de camarotes, 30$00; cadeiras, 40$00; bancada central, 30$00; bancada lateral, 25$00; bancos de pista, 15$00, e geral, 8$00.

As marcações de bilhetes numerados têm de ser feitas até o proximo dia 10 de abril, por intermedio dos clubes, não aceitando a Federação pedidos superiores a dois bilhetes feitos pela mesma pessoa.

Os pedidos dos clubes entrarão nas associações, transitando destas para o organismo maximo.

Será exercida uma fiscalização severa sobre os pedidos, não se aceitando marcações nem pelo telefone nem pessoalmente.

Do dia 17 a 22 de abril proceder-se-á á venda de bilhetes numerados, dando-se preferencia aos dirigentes e ás pessoas que habitualmente frequentam os terrenos de «foot-ball».

Quanto á venda da geral, serão oportunamente indicados os dias e locais da venda para todo o publico.

Club Nautico de Portugal

A assembleia geral ordinaria do Club Nautico realiza-se amanhã, na séde. A reunião é importante. Temos em nosso poder o relatorio da direcção que, ainda sucinto, não deixa de abordar os aspectos mais importantes da vida clubista.

Os cruzeiros do Mariline, as regatas em que o clube tomou parte, o assunto delegações, o aumento de frota do clube, são os capitulos mais importantes do relatorio, assinado pelos srs. dr. Bustorff Silva, dr. Miguel de Sá, João Bissau, dr. João Couto, Heitor Gomes, Rui Serrano e Honorato de Carvalho.

O aniversario do Gimnasio

As salas do Gimnasio Club Português voltaram ontem a animar-se com a realização duma «poule» de «box» e uma conferencia, escutada com interesse, do sr. Xavier de Araujo.

Hoje será apresentada a classe de gimnastica cientifica moderna, e o sr. capitão Leal de Oliveira — uma autoridade indiscutivel no assunto — realizará uma palestra que terá como tema um dos capitulos mais importantes da educação fisica.

A parada nautica do Club Naval de Lisboa

Depois de amanhã, pelas 14 e 30, efectuar-se-á a parada nautica do Club Naval.

O sr. Frederico Burnay — um nome que se impõe nos desportes nauticos — presidirá, assumindo o comando da flotilha.

A festa compõe-se de parada das embarcações de remo e de regatas inter-socios.

O sr. ministro da Marinha passará revista ás embarcações, acompanhado pelo sr. almirante Oliveira Muzanty e comandantes Pedro Rodrigues, Carvalho Crato e Cisneiros de Faria.

Sport Algés e Dafundo

Na segunda quinzena de abril começará a funcionar a piscina grande do Sport Algés e Dafundo.

Um pouco mais tarde serão inauguradas as escolas de cinto para crianças e senhoras nesta piscina, sob a direcção da sr.ª D. Margarida Pala.

Amanhã, efectua-se no salão de festas do Estadio Nautico a tradicional festa da «Mi-Carême».

Jogos escolares

A Associação de Foot-ball de Lisboa, que faz disputar, no proximo domingo, jogos da promoção, marcou igualmente para esse dia os seguintes jogos escolares, no campo do Restelo: Escola Militar-Faculdade de Letras, ao meio dia, e Asilo Maria Pia-Escola Agricola de Paiã, ás 14 e 30.

Mundanismo

ÀNIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Guadalupe Fernandes de Velasco y Méra, D. Maria Fernanda Pereira de Eça Perdigão Duarte, D. Maria Tereza Burnay de Lancastre, D. Maria da Nazaré Ramos Sacramento Monteiro, D. Madalena Sotto Mayor Pinto Basto, D. Cristina Empis, D. Josefina de Anta de Oliveira, D. Filomena Morales de los Rios Frois, e D. Cristina Empis.

MAJOR LUIZ ALBERTO DE OLIVEIRA

Tem-se informado da marcha da doença do antigo ministro da Guerra sr. major Luiz Alberto de Oliveira, operado na Casa de Saude Militar da Estrela, entre outros os srs.

Presidente da Republica, presidente do Ministerio, ministros do Interior, da Guerra, da Marinha, das Obras Publicas e das Colonias; ministros da America e da Italia e encarregado dos negocios de Espanha; comandante Tapia, adido militar de Espanha, sub-secretario das cooperações, generais Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa, Vieira da Rocha, Vicente de Freitas, Amilcar Pinto, Silva Bastos, Bernardo do Canto, João de Almeida, Daniel de Sousa, almirantes Muzanti e D. Bernardo de Mesquitela; comandante Pedro Rodrigues, brigadeiros Julio de Aguiar Peixoto e Cunha, Casimiro Teles, tenente coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa, capitão Raul Gomes Pereira, antigo ministro do Interior, dr. Arnaldo Vidal, dr. Eurico Lisboa, conde de S. Paio, dr. Afonso de Melo, dr. Mario Martinho, dr. Cassiano Neves, coronel Mousinho de Albuquerque, dr. Emilio Infante da Camara, capitão Artur de Almeida Cabaço, 2.º comandante de caçadores 5 com todos os oficiais e sargentos desta unidade; comandantes Jaime Athias, Pires da Rocha, Alvaro Marta; drs. Pessa, Meleiro de Sousa, Luiz Noronha; João Pereira da Rosa, director do «Seculo», Antero Leal Marques, chefe de gabinete da presidencia do Ministerio, coronel Anibal Passos e Sousa, chefe de gabinete do Ministerio da Guerra, tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais, coronel Modesto Barreto, coronel Policarpo Dias, dr. Garcia Pulido, major Lobo da Costa, engenheiro Cancela de Abreu, dr. Manuel Lucena, major Oscar Freitas, coronel Julio Cesar Ferreira, coronel Eduardo Viana, José Assis Camilo, João Teotonio Pereira, dr. Clemente Morais Sarmento, tenente-coronel Pereira Coelho, conde Tovar, conde Mafra, dr. Costa Andrade, engenheiro Zuguete e Ferrugento Gonçalves, coronel Fernando Borges, dr. Artur Lobo de Campos, dr. Paula Nogueira, dr. Teixeira de Azevedo, visconde de Almeida e Vasconcelos, Rocha Martins, coronel Benjamim Luazes, tenente Carvalho Nunes, tenente-coronel Simões de Sousa, Armindo Fortes, Manzoni Sequeira, coronel Andrade Velez, tenente-coronel Oliveira Duarte, coronel Manuel Latino, major Mascarenhas de Menezes, engenheiro Correia Leal, dr. Gomes Mota, tenente-coronel Raul Loureiro, dr. Almeida Euzebio, antigo ministro da Justiça, tenente-coronel Antonio José Rodrigues, dr. Belarmino de Almeida, coronel João Nepumoceno de Freitas, dr. Almeida Homem, dr. Mira da Silva, engenheiro Torres Baptista, coronel Vitoria Pereira, dr. Batalha Reis, major Pereira Coutinho, coronel Arrobas Machado, D. Miguel São Paio, coronel Quaresma, coronel Alvaro Mendonça, major Aparicio, Simão da Veiga e João Veiga, dr. Menezes de Almeida Alberto Cunhal e Afonso Anil, Antonio Teixeira, Mario Mendonça, Julio Correia Branco, João Lopes de Carvalho, Pedro Mexia Barata, Joaquim, Cesar e Augusto Raposo, dr. Rezende Joaquim Carvalho, João Lopes Teles Branco, coronel Anacleto, major Mendes do Amaral, major Zilhão, major Guerreiro de Andrade, etc.

NO OLIMPIA ESTREIA-SE HOJE

uma das mais notaveis artistas que têm pisado palcos portugueses

Não ha duvida de que o Olimpia, o conhecido dancing, da rua dos Condes, bate o «récord» da apresentação das grandes artistas de canto e baile. Ali se estreia hoje mais uma notavel artista, grande entre as grandes no seu genero, e que só um empresario corajoso como o do Olimpia se abalançaria a contratar.

CELINA EASO

Disseram-nos que se achava hospedada no Avenida Palace, e ali nos dirigimos pois, sem maior tardança.

Trata-se de Celina Easo, bailarina das mais categorizadas e cujo nome só por si enche todo um cartaz.

Mandámos-lhe o nosso cartão e a gentil artista imediatamente se prestou a receber-nos, tendo-nos cativado durante largos momentos com a sua conversa encantadora, cheia de vivacidade e de interesse. Celina Easo é ainda uma rapariga de grande cultura, muito formosa e elegante, duma simpatia atraente, a que mais nos cativou de todas as artistas, e não são poucas, com quem temos tratado.

Na sua arte, é das primeiras e assim o confirma o sucesso que a acompanha nas suas exibições por esse mundo fóra,—no Cairo, em Constantinopla, em Atenas, em Bucarest, em Berlim, em Budapeste, em França, etc.,—que contratos não lhe faltam nunca, seguindo depois de Lisboa para Marrocos e outros pontos com contratos já firmados.

Celina Easo já deu tambem as suas provas no cinema. Entre outros filmes lembra-nos por exemplo *Ceu e terra*, *Rapsodia helenica* e *Mais além*, onde o seu desempenho é deveras notavel.

Festas de «mi-careme»

Amanhã, sabado, realiza-se, no Orfeão de Paço de Arcos, uma festa de «mi-carême», promovida por uma comissão de socios.

—Amanhã, sabado, á noite, realiza-se no Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses um baile de «mi-carême» que ali deve reunir muitos «aficionados», e «aficionadas».

RUTHER.— Usado diariamente revigora os cabelos tornando-os soltos e brilhantes. Destina-se principalmente a todas as pessoas que desejam readquirir a coloração dos seus cabelos de uma forma lenta, progressiva, **sem dar nas vistas**.

A' venda na **Drogaria Roque da Fonseca L.da**, 138—Avenida Visconde Valmôr, 140.

IMPOSSIBILIDADE DE AJOELHAR

A nevrite não lho permitia

Referindo-se ás dôres e incomodos que sofreu com a nevrite, esta Senhora descreve-nos como conseguiu libertar-se de tal padecimento:

«Fiz uso dos Sais Kruschen para combater uma nevrite, com os mais maravilhosos resultados. Os joelhos doiam-me e tornava-se-me impossivel ajoelhar. Como sou eu sózinha a fazer a lida da minha casa, V. calculará o que este sofrimento representava para mim. Comecei ha dois meses a fazer uso dos Sais Kruschen e por nada deste mundo deixaria de ter sempre um frasco em casa. Eu considero os Sais Kruschen como oiro de 22 quilates». G. M. W.

A nevrite tal como o reumatismo, lumbago e ciática, é causada pelos depositos de cristais ponteagudos de acido urico que perfuram e causam as dores agudas. Os Sais Kruschen desfazem esses depositos dos torturantes cristais, convertendo-os numa solução inofensiva, que é prontamente expulsa do organismo pela sua saida natural — os rins. E como os Sais Kruschen têm a virtude de manter regulares as funções internas do organismo—tornado pela sua acção isento de substancias fermentaveis—nenhum veneno, tal como o acido urico, terá ensejo de se acumular novamente.

A' venda em todas as Farmacias e casas da especialidade. Preço do frasco grande Esc. 17$00, frasco pequeno Esc. 10$00.

MUSICA

O grande concerto de amanhã no Politeama

Encontra-se desde ontem entre nós o celebre pianista russo Moiseiwitsch cujo concerto amanhã á tarde no Politeama é aguardado com mais viva impaciencia não só pelo entusiasmo que o seu nome desperta entre nós mas igualmente pela composição do programa, que nos dará ocasião de

MOISEIWITSCH

ouvi-lo com acompanhamento da Orquestra Sinfonica Portuguesa, sob a regencia do Maestro Pedro Blanch, no belissimo 5.º Concerto de Beethoven e no não menos afamado Concerto em si bemol de Tschaikowsky. Conforme foi anunciado este concerto não será radiodifundido.

Gremio Lirico Português

Amanhã, á tarde, realiza-se nos salões do Gremio Lirico, o costumado chá-concerto em que tomam parte entre outros, a distinta meio-soprano D. Manuela Sampaio e o baritono José Cabral. Há baile, com uma orquestra jazz.

LEIA AMANHÃ

Tutebol

O mais completo semanario desportivo português de CRITICA E PROPAGANDA

PEÇA SEMPRE Trosilina

DESINFECTANTE E PURIFICADOR

PARA TODAS AS LIMPEZAS

um producto BAYER

Encontra-se á venda em todas as drogarias, em embalagens de 125, 250, 500 e 1.000 gramas

É triste sina de Portugueses desfazerem-se do que é bom, contentarem-se com o que é mau. Fabricar Sardinhas de Conserva, que os estranjeiros consideram as primeiras do mundo, e não as saborear, francamente, francamente...

SALDANHA

Dr. Adriano Burguete

Mudou o Consultorio para a Avenida da Liberdade, 13.

T. 2 4673 (consultas ás 12 e ás 16)

A Cidade

OLIMPIA CLUB

HOJE

Estreia da genial artista

CELINA EASO

O DESASTRE DA POVOA DE S.TA IRIA

Realizou-se hoje o funeral das duas vitimas

Com grande acompanhamento realizaram-se hoje de manhã os funerais da sr.ª D. Leontina Waltte Deffense e de sua filha, a menina Lidia Leontine Anne Marie Deffense, ambas vitimas do tragico desastre da Povoa de Santa Iria.

Pelas 10 horas já se tornava dificil a entrada na igreja de S. Luiz, onde se encontravam as urnas, tão numerosa era a assistencia entre a qual se destacavam os elementos da colonia belga.

O sr. ministro da Belgica e o pessoal da legação e do consulado daquele país compareceram tambem. Depois do reverendo Moore ter rezado missa de corpo presente, seguida da encomendação, foi a pequena urna contendo os restos mortais da infeliz Lidia Deffense conduzida para um carro de colunas, branco dourado, e a outra, com o corpo da desditosa mãi, colocada num carro de colunas tirado a duas parelhas.

Realizou-se em seguida o funeral para o cemiterio dos Prazeres, onde os corpos ficaram depositados em jazigo municipal, de onde, possivelmente serão transladados mais tarde para a Belgica.

Sobre as urnas foram colocados lindos ramos de flores naturais e coroas das quais pendiam fitas de seda com as côres nacionais belgas.

No prestito encorporaram-se numerosas pessoas.

Fizeram-se representar: Camara de Comercio Italiana, União dos Combatentes franceses e combatentes belgas, Automovel Club de Portugal, Companhias Reunidas Gás e Electricidade, Sociedade Luso-belga, Sociedade Portuguesa de Seguros, Companhia Industrial Portuguesa, etc.

Dirigiu o funeral o sr. engenheiro Abreu Nunes, e os turnos foram constituidos pelo srs. ministro e consul da Belgica, antigos combatentes belgas e franceses, Camara de Comercio Belga, corpos gerentes da Sociedade Portuguesa «Caven», pessoal de escritorio e operarios da mesma sociedade, directores e engenheiros das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, alunos do Colegio Vasco da Gama e pessoas de familia das vitimas.

Um companheiro do "Sargento Bera"

agrediu um homem á facada

Francisco Rodrigues, agulheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro, em serviço na estação de Braço de Prata quando, no dia 25 do corrente, se dirigia para sua casa na travessa do Tarujo, foi assaltado por um desconhecido que lhe vibrou uma facada nas costas, após o que se pôs em fuga, deixando no local um bonet, que trazia na cabeça. O ferido foi transportado em perigo de vida para o hospital de S. José donde saiu ha pouco tempo; e, entretanto, a P. I. C., informada do caso, encarregou o agente Mario Silva de proceder ás necessarias investigações. A vitima, nos interrogatorios que lhe foram feitos declarou não saber a quem atribuir a agressão, pois não só não tem inimigos, mas nem sequer, no momento da agressão, trocou qualquer palavra com o agressor.

As investigações apresentavam-se assim deveras complicadas.

Ontem, porém, apareceram no Torel duas mulheres que reconheceram o bonet abandonado pelo faquista.

Pertencia, segundo elas a Carlos Ferreira Lourenço, por alcunha o «Manolo», individuo que, por ser companheiro do «Sargento Bera», nos roubos por aquele praticados, se encontra preso agora no Limoeiro. Foram ouvidas duas pessoas que presenciaram a agressão e três que reconheceram tambem o bonet.

O preso, interrogado a tal respeito nega a acusação, mas não justifica o motivo por que no dia da agressão disse a varias pessoas que havia esfaqueado um individuo que o agredira á pedrada.

Parece que o mobil da agressão foi o roubo.

A. GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11

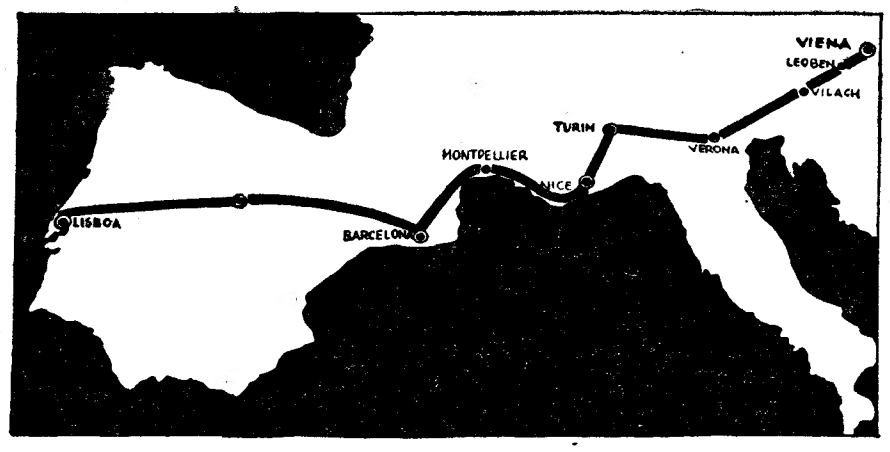
Almoços completos de 12 e 16 Escudos

Jantares completos de 15 a 18 Escudos

O "Raid" Automobilistico a Viena

patrocinado pelo Diario de Lisbôa

A partida efectua-se a 10 de abril



Itinerario do "Raid" Automobilistico Lisboa-Viena

E' grande o interesse que se suscitou no meio desportivo pelo «Raid» Automobilistico Lisboa-Viena em menos de 50 horas, que vai ser tentado por uma «équipe» portuguesa constituida pelos srs. José Lopes da Silva e Torres Fernandes, em carro «Steyr».

Segundo comunicação que se recebeu no Automovel Club de Portugal, o interesse não é menor nos centros automobilisticos de Viena, sobretudo por esta prova se efectuar num carro de marca austriaca, o mesmo que realizou diversas «performances» notaveis, como seja Paris-Lisboa em menos tempo que o «Sud-Express».

A partida efectuar-se-á no proximo dia 10 de abril e será dada pelo Automovel Club de Portugal, que na vespera procederá á selagem do carro: motor, diferencial, «chassis» e caixa de velocidades.

Não serão descontados os tempos gastos na passagem das fronteiras e nas paragens de «contrôle» e reabastecimento.

O percurso é de 3.370 quilometros, que serão percorridos á média de 68 a 70 quilometros á hora. O itinerario é o seguinte: Lisboa, Madrid, Barcelona, Perpignan, Montpellier, Nice, Turim, Brescia, Verona, Vilach, Loeben, Viena.

A chegada a esta cidade será controlada pelo Automovel Club da Austria.

Tanto pelo valor dos desportistas que tentam a prova, como pela categoria do carro em que vão correr, é de esperar que esta proeza seja coroada do melhor exito e inscreva uma pagina interessante nos anais do automobilismo português.

O «Diario de Lisboa» não teve a menor duvida em patrocinar esta iniciativa, que tanto pode interessar os meios desportivos nacionais como contribuir para uma valiosa propaganda do nosso país no estrangeiro, visto que a mesma «équipe» se inscreveu para o «Rallye» Internacional de Marrocos, prova de grande categoria, á qual concorrem automobilistas de todo o mundo e que se vai disputar num percurso de cêrca de 6.500 quilometros, parte no continente europeu e parte em territorio africano.

A «équipe» portuguesa partirá de Roma no dia 23 de abril, ao mesmo tempo que outras «équipes» se lançam na grande prova, quer partindo de Roma, quer de Paris, Londres, Bruxelas, Berlim, Varsovia, Praga, Roma e Sfax. A chegada a Gibraltar verifica-se no dia 26 de abril, efectuando-se nesse mesmo dia a passagem para Tanger, onde se realiza no dia seguinte uma prova de rampa em que devem tomar parte todos os concorrentes, só com o condutor a bordo do carro.

A 28 efectua-se a partida para o circuito de Marrocos, em quatro «étapes», com paragens em Mequines, Marraquexe, Agadir e Casabranca. No dia seguinte, realiza-se em Mequines uma prova de aceleração e de travagem, com os concorrentes e passageiros a bordo, que consiste em percorrer 500 metros em marcha avante e 50 metros em marcha atrás, sendo dado o sinal da partida com o carro parado e o motor em marcha.

No dia 1 de maio está prevista uma paragem em Marraquexe. A chegada a Casabranca, terminus do «Rallye», verifica-se no dia 3 de maio, devendo realizar-se nesse mesmo dia as provas de desempate, se houver lugar a elas.

A fim de fazer para o «Diario de Lisboa» a reportagem deste acontecimento, tanto sob o ponto de vista desportivo como de turismo, acompanha a «équipe» portuguesa o nosso camarada dr. Norberto Lopes, chefe da redacção do «Diario de Lisboa», que além da informação telegrafica enviará ao nosso jornal impressões de viagem dos diversos países que são abrangidos por estas duas provas, sem duvida as mais interessantes, sob todos os aspectos, em que ultimamente têm tomado parte automobilistas portugueses.

DE LUTO

D. Maria Santos Vieira

No hospital de Santa Marta, onde recolhera ha dias, faleceu ontem a sr.ª D. Maria Santos Vieira, esposa do nosso prezado colega de jornalismo sr. Santos Vieira, a quem enviamos a expressão do nosso sentimento.

O funeral da desditosa senhora realizou-se esta tarde, tendo constituido uma sentida manifestação de pesar.

Augusto Pinto Araujo

Faleceu hoje o sr. Augusto Pinto Araujo, de 79 anos, proprietario da antiga chapelaria Araujo, na rua Eugenio Santos e figura popular nos meios teatrais. O funeral realiza-se amanhã, as 15 horas, da avenida da Liberdade, 140, para o cemiterio do Alto de S. João.

Venda ficticia de três predios

Ficaram hoje concluidas as investigações a que o agente Paulitos procedeu para esclarecer as condições em que foi feita a venda de três predios pela sr.ª D. Mafalda dos Santos Silveira, a um seu procurador, em prejuizo duma outra senhora a quem os doara em testamento.

Chegou-se á conclusão de que es tratava duma venda ficticia, pelo que o respectivo processo foi enviado á Boa Hora.

ZENITH - Recorder

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro

No TIVOLI: um programa assombroso:

O EXPRESSO DO AMOR

e o célebre documentário premiado em Veneza

O HOMEM E O MAR (Man of Aran)

Na segunda-feira: apresentação, em espectaculo de gala, do filme de Leitão de Barros

AS PUPILAS DO SR. REITOR

Não se realizam no domingo

desafios de "football" no Porto

Mantem-se a decisão da Federação Portuguesa de Foot-ball no sentido de não se realizarem, no proximo domingo, desafios de «foot-ball» no Porto, tanto da 1.ª como da 2.ª Liga.

Por esse motivo, os jogos que para ali se encontravam marcados — F. C. do Porto-Vitoria, Salgueiros-Coimbrões e Leixões-Boavista — não se disputarão.

A Federação chegou a tomar a iniciativa de marcar esses encontros para outras localidades, depois de consulta dirigida aos clubes.

Como anunciámos, o Vitoria e o Porto chegaram a ser consultados, pela Federação, acêrca do local onde o desafio se deveria efectuar.

Depois disso, porém, a Federação resolveu não realizar jogos no Porto no proximo domingo, com a esperança do ambiente se modificar nessa cidade e dali se poderem realizar, sem perigo para a ordem publica, os desafios do Campeonato das Ligas.

Quere dizer, o encontro Porto-Vitoria, como, aliás, os outros desafios citados realizar-se-ão em data e local oportunamente designados pela Federação.

Este organismo, que se tem conduzido, nesta emergencia dificil para o desporte, com senso e equilibrio, mostra assim um louvavel espirito de concordia.

O arbitro do Sporting-Benfica

Conforme anunciámos, o arbitro lisboeta sr. Silvestre Rosmaninho, fôra nomeado para dirigir o encontro de «foot-ball» Benfica-Sporting, que se realiza no proximo domingo, no Campo Grande.

No entanto, o sr. Silvestre Rosmaninho declinou o convite, alegando não ter sido indicado pelo Colegio de Lisboa para o Campeonato das Ligas.

Dadas essas razões, a Federação nomeou para a direcção desse encontro o sr. Luiz Camara, arbitro de Santarem, o juiz de campo a quem competia a pesada tarefa de arbitrar o Belenenses-F. C. do Porto, que não se chegou a efectuar.

Parada nautica

O Club Naval de Lisboa inaugura depois de amanhã, domingo a época de remo com uma parada nautica em que tomará parte toda a sua flotilha sob a direcção do desportista Frederico Burnay, que ontem convidou para assistirem ao referido festival o sr. ministro da Marinha, o chefe do Estado Maior e o comandante-geral da Armada, o chefe do Departamento Maritimo e outros altos funcionarios. O festival começará ás 14 e 30 e constará de formação, largada, parada e regatas com todas as embarcações do clube.

Terminou hoje o julgamento

do recurso

do capitão Almeida Pinheiro

No Supremo Tribunal Militar, em Santa Clara, terminou, hoje, a apreciação do recurso interposto pelo sr. capitão-aviador Almeida Pinheiro, que, como noticiámos, recorreu da sentença da primeira instancia que o condenou em prisão maior e degredo.

A audiencia abriu ás 13 horas, vendo-se entre a assistencia muitos oficiais interessados na resolução da causa.

Recomeçados os debates, o sr. dr. Oliveira Santos, patrono do recorrente, iniciou a treplica que durou bastante tempo. O orador aludiu aos dez anos de prisão preventiva do seu constituinte, caso unico, e salientou em termos vibrantes os relevantes serviços prestados á Patria e á Republica. O sr. dr. Oliveira Santos pretendeu destruir a argumentação feito pelo promotor de justiça sr. Fernando Branco, citando inumeros tratadistas, codigos civis e militares, e a legislação moderna que regem assuntos daquela natureza. Concluiu por pedir absolvição do sr. capitão Almeida Pinheiro, visto tratar-se dum acto justo e humano.

O orador, no final do seu brilhante discurso, foi muito cumprimentado.

O tribunal resolveu mandar baixar novamente o processo á primeira instancia, devendo ser lavrada nova sentença e deminuida a pena a que o reu foi condenado.

Pinte os seus cabelos com KOMOL e será sempre jovem

REPRESENTANTE:

M. Cabral

Avenida Almirante Reis, 166 r/c. dt.º

Telef. 4 6865

DEPOSITARIO:

Farmacia Oliveira

Rua da Prata, 240

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do pais
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

A Cidade

Bebam a famosa
CANA IMPERIAL
á venda nos Cafés,
Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina L.ta — Moadas Flores, 22
Tel. 23850

As Festas da Cidade
e o novo vereador do pelouro cultural

Prosseguem activamente os trabalhos preparatorios das Festas da Cidade, que não se interromperam por motivo da recomposição que se deu na Camara Municipal.

O lugar que era ocupado pelo sr. Luiz Pastor de Macedo foi preenchido pelo sr. tenente-coronel Pereira Coelho, oficial distintissimo, cujas qualidades de inteligencia e de caracter são a melhor garantia para a realização duma obra cujas bases estavam lançadas e que ele vai ajudar a erguer com o entusiasmo, a competencia e o bom senso que põe sempre no desempenho dos seus cargos.

Depois da sessão em que tomaram posse os novos vereadores, o sr. tenente-coronel Pereira Coelho fez aos jornalistas as seguintes declarações que gostosamente registamos:

—Reconheço a responsabilidade do pelouro que me foi entregue. De momento, o problema mais importante é o da realização das Festas da Cidade, das quais vim encontrar o plano feito, uma grande parte da obra já erguida e o restante perfeitamente delineado. A herança que recebi do sr. Luiz Pastor de Macedo, meu ilustre antecessor, é de uma grande responsabilidade, porque ele deixou uma obra que interessou vivamente a opinião publica.

«Aceitei o lugar de vogal da comissão administrativa da Camara, pela muita consideração que dedico ao sr. general Daniel de Sousa, a quem atribuo excepcionais faculdades de chefe e sob cujas ordens servi, durante muitos anos, no Governo Militar de Lisboa e ainda pela circunstancia de a comissão executiva das Festas da Cidade ser, quasi inteiramente, constituida por pessoas da minha melhor amizade, em cujo talento, caracter e brio confio em absoluto. Procurarei levar até final esta tarefa, substituindo as qualidades que me faltam pelo entusiasmo e pela fé que costumo pôr em todas as iniciativas que me são confiadas.

«Conto tambem para o bom exito da minha missão com a ajuda do meu colega da vereação, sr. major Beires Junqueira, a quem está confiada a direcção administrativa das Festas, e em quem encontrei desde o primeiro momento um dedicado e leal colaborador.

OS JULGAMENTOS DE HOJE
no Tribunal da Boa Hora

No sexto Juizo criminal, em audiencia colectiva presidida pelo sr. dr. Nunes de Carvalho, devia realizar-se esta tarde o julgamento de Joaquim Antonio Cardoso e Artur Almeida, acusados de, ha meses, terem praticado um desfalque no valor de 200 contos, de que foi vitima a União dos Proprietarios, onde ambos eram empregados.

Feita a chamada das testemunhas, verificou-se que faltavam algumas delas. O juiz-presidente multou cada uma em cem escudos.

O Tribunal reunido em conferencia deliberou adiar o julgamento para o dia 24 de abril, ás 12 horas.

—No mesmo Tribunal e com a mesma constituição, começou o julgamento de Miguel dos Anjos Loureiro e Manuel Diogo da Silva Buiça, acusados de, no ano findo, entrarem por meio de chave falsa, na residencia do sr. Joaquim Damasio Vasco Proença de onde furtaram roupas e objectos de ouro no valor de 15.000 mil escudos. Compareceram oito testemunhas de acusação, e seis de defesa.

Os reus confessaram em parte, o crime que lhes é atribuido.

Concluidos os debates, o tribunal reuniu-se para deliberar. Quando voltou á sala reservou a leitura para depois de julgada outra causa que ia ser apreciada.

—Perante o mesmo tribunal compareceu Carolina de Jesus, acusada de ter agredido barbaramente, sua mãi, Maria Amelia da Costa, e a neta desta, Fernanda Horta. Ouvidas as testemunhas de acusação e de defesa, e conduzidos os debates, os três juizes reuniram-se para deliberar.

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico o «SEMPRE FIXE»

VIDA PARLAMENTAR
Foi proposta hoje uma alteração
ao Acto Colonial
pelo deputado sr. dr. Manuel Fratel

Principiou ás 15 e 20 a sessão de hoje da Assembleia Nacional, depois de responderem á chamada 74 deputados.

A seguir á leitura do expediente, o sr. presidente deu conhecimento á Assembleia dum pedido de autorização para os deputados srs. drs. Manuel Ribeiro Ferreira e José Saudade e Silva deporem como testemunhas num processo de inquerito.

Pediu depois a palavra o sr. dr. Manuel Fratel, que enviou para a mesa um projecto de lei que visa a alterar o artigo 24 do Acto Colonial, que ficará assim redigido:

Art.º 24.—As missões catolicas portuguesas do Ultramar, instrumentos de civilização e de influencia nacional, e os estabelecimentos de formação do pessoal para os serviços delas e do Padroado português, terão personalidade juridica e serão protegidas e auxiliadas pelo Estado, como instituições de ensino.

O sr. major Lobo da Costa transmitiu ao sr. presidente a reclamação apresentada pelo capitão aviador Joaquim Baltazar, a respeito da contagem da antiguidade, que declarou ser da maior justiça.

O sr. dr. Camarate de Campos apresentou o seguinte «aviso previo».

«Desejo tratar da forma como estão sendo executados os diplomas que visam a Federação Nacional dos Produtores de Trigo e a Federação Nacional dos Industriais de Moagem, nomeadamente na parte que interessa á distribuição de trigos».

O assunto que desejo tratar interessa á economia do país, interessa á lavoura nacional; interessa á industria de moagem que tem condições de vida, isto é, que não é parasitaria e interessa ao consumidor, que poderá ver o pão melhorado em qualidade e até, possivelmente barateado, mesmo dentro da actual tabela de trigos.

Reputa, pois, o assunto importante e urgente, pelo que ousa chamar a atenção da Presidencia para a importancia e urgencia.»

Prosseguiu, depois, a discussão do projecto de «reorganização» do ensino secundario», do sr. dr. Marques de Carvalho.

Ocupou em primeiro lugar, a tribuna o dr. Mario de Figueiredo, que, analisando o projecto, salientou a necessidade de se proceder a reformas parciais através dos varios graus do ensino. Acrescentou que o melhor sistema seria o duma reforma completa, mas considera-o impraticavel.

Afirmou depois que as reformas parciais que preconiza devem, no entanto, ser subordinadas a linhas gerais e a principios de orientação.

O orador declarou ter encontrado no projecto em discussão um principio geral de orientação, segundo o qual o ensino deve visar á formação do caracter do aluno como cidadão e como português, mas não lhe ter descoberto ostensivamente marcado outro qualquer principio orientador.

Manifestou a opinião de que é um erro reduzir o curso complementar para um ano, visto que é esse o meio de preparação para as escolas superiores.

Referindo-se ao trabalho do sr. dr. Marques de Carvalho, salientou o facto dele não constituir uma reforma, como o proprio autor declara, mas uma simples arrumação de serviços.

Combateu a forma dogmatica como os programas estabelecem o ensino e disse que, se se adopta o metodo dogmatico, não vê razão para distinguir entre curso geral e complementar.

Afirmou que o projecto em discussão prejudica qualquer solução futura do problema e que entendia, por isso, dever pôr a camara de sobre-aviso, para quando se proceder á votação.

Falou depois o sr. dr. Antunes Guimarães que declarou que qualquer seja o resultado da votação do projecto se não pode deixar de reconhecer a importancia do assunto que o sr. dr. Marques de Carvalho trouxe para a discussão.

A sessão prossegue.

A CAMARA CORPORATIVA
pronunciou-se hoje sobre quatro projectos de lei

Tornaram-se hoje publicos os pareceres da Camara Corporativa sobre os projectos de lei da autoria dos deputados srs. Botelho Neves, drs. Braga da Cruz e Alberto Cruz e major Lobo da Costa, respectivamente acêrca de: combate ao analfabetismo, aerodromos, navegação aerea e vencimentos dos funcionarios publicos.

Quanto ao primeiro, a Camara Corporativa entende desnecessaria a subvenção do Estado para a instalação de postos de ensino nas Casas do Povo, pois estas têm já competencia e verba para o fazer e discorda da utilização de desempregados, como regentes dos referidos postos.

A construção de aerodromos

Sobre o projecto que estabelece as bases para expropriações de terrenos onde possam construir-se aerodromos, a Camara entende que ele deve ser rejeitado na generalidade e manifesta a sua discordancia com algumas das bases, nomeadamente no que respeita ao processo de obtenção de licenças e expropriações

Regulamento de navegação aerea

Quanto ao projecto que altera o regulamento de navegação aerea, a Camara concorda, na generalidade, com a sua doutrina, que é do teor seguinte:

a) Ampliar o regime de expropriações regulamentado no artigo 9.º do decreto n.º 20.062, considerando de utilidade publica as expropriações necessarias para a instalação de quaisquer aerodromos que, pela sua situação geografica, convenham aos altos interesses nacionais;

b) Isentar as camaras municipais e as associações de propaganda aeronautica do pagamento dos impostos devidos pela transmissão e propriedade dos imoveis que constituem os aerodromos;

c) Impor a estas entidades prazos de construção e obrigações de conservação e assegurar rapida solução aos requerimentos que, sobre instalação de aerodromos, sejam interpostos perante o Conselho Nacional do Ar.

Na especialidade, sugerem-se algumas alterações e propõe-se a seguinte redacção ao paragrafo 1.º do artigo 12.º:

«Os corpos administrativos e as associações legalmente constituidas com fins de propaganda aeronautica, sem intuitos comerciais, ficam isentos do pagamento de sisa ou imposto sobre sucessões e doações pela aquisição de predios destinados á construção de aerodromos, e bem assim de contribuição predial devida pelos imo-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

Quem é a mulher
cujo corpo deu á costa em estado de nudez
na praia da Tabueira?

O mar não guarda os segredos que lhe entregam. Devolve-os á terra, acrescentando-lhes uma pontinha apaixonada de mistério. E' o caso daquele cadaver de mulher que, ontem, pelas 10 horas, Simplicio Manuel Alexandre, cabo do mar da Tabueira, pequena praia, encravada, entre Fontanelas e Azenhas do Mar, encontrou estendido na areia, quasi em completo estado de nudez.

Trata-se duma morte voluntaria ou dum crime repugnante? Só é possivel dizê-lo quando fôr conhecido o resultado da autopsia, que se realiza dentro de vinte e quatro horas. No entanto, o macabro achado tem concitado, como é natural, a curiosidade das populações da costa que, nas aldeias e suas tendas, discutem intensamente o caso, não se cansando de formular hipoteses.

As autoridades tomaram imediatamente as suas providencias. O seu primeiro gesto, aconselhado pelo sub-delegado de saude de Sintra, sr. dr. Nunes Claro foi cobrir piedosamente o corpo com uma serapilheira, removendo-o depois para a humilde capela de Fontanelas, donde mais tarde foi transladado para o cemiterio de S. Marçal, em Sintra, onde ficou em deposito na casa mortuaria.

Logo que se realize a autopsia iniciar-se-ão as investigações policiais. O estado do cadaver permite reconhecer que se trata duma mulher de boa condição, entre os 25 e 30 anos. E' de estatura regular, forte, rosto redondo, cabelos pretos e olhos castanhos. As mãos extremamente finas e bem tratadas, denotam que não se entregava a trabalhos rudes. Apresenta um grande ferimento na testa e outro na nuca. Devido, talvez á rebentação violenta do mar, deu á costa apenas com duas peças de roupa: um «soutien-gorge», côr de rosa, ás riscas e na perna esquerda, uma meia de seda castanha escura bastante rota, segura por uma liga cinzenta.

No pescoço via-se um colar de perolas falsas e, no pulso, do braço esquerdo, uma ligeira pulseira de metal branco. Ao primeiro exame não foi possivel determinar se os ferimentos que o corpo apresenta resultaram dalgum choque com as rochas ou foram produzidas por um instrumento cortante. O cadaver apresenta muitas escoriações, mas essas não provocam a suspeita, devendo tratar-se de arranhaduras feitas por caranguejos.

Ao cemiterio de S. Marçal afluiram muitas pessoas, mas nenhuma reconheceu o cadaver. As duas hipoteses: suicidio ou crime são as que persistem com mais verosimilhança.

Em qualquer dos casos, o corpo da mulher deve ter vindo, arrastado pelas correntes, não dos lados de Cascais, mas do norte, de qualquer das praias proximas.

Noticia agradavel
Abre hoje o Pavilhão Português

Aproveitando a temperatura amena, agradavel, que se tem registado nestas ultimas noites, a empresa do Pavilhão Português, o grande cinema ao ar livre do Parque Mayer, previne o publico que abre hoje a epoca com um soberbo programa cinematografico constante dos filmes: «A volta ao mundo em 80 minutos», encantadora viagem ao oriente pelo consagrado artista Douglas Fairbanks e «Paprika».

Amanhã exibem-se outros dois filmes, tambem de categoria, de forma a oferecer ao publico os melhores espectaculos cinematograficos ao ar livre.

Os bilhetes para o Pavilhão, como de costume, custam apenas 1$60 e dão direito á entrada livre no Parque Mayer.

JAN KIEPURA e MARTHA EGGERTH
na comédia musical ► Ouve o meu coração ◄
que se exibe no "São Luiz":

GREMIOS REGIONALISTAS

A direcção da Casa das Beiras, na sua ultima reunião, aprovou alguns socios novos e resolveu manter o «chá dansante» já marcado para o dia 31, em que poderá ser admirada a exposição dos desenhos do pintor Alvaro Canelas, actualmente aberta na sua séde.

—E' no proximo sabado que a actual direcção do Gremio dos Açores realiza a sua festa de despedida com um grande sarau á francesa organizado pelo compositor musical sr. Nobrega e Sousa.

—Continuando a série de interessante festas que proporciona aos associados, o Gremio Alentejano efectua no proximo domingo, das 15 ás 17 horas, uma «matinée» em que se exibirão as alunas de madame Britton. Seguir-se-lhe-á, das 17 e 30 ás 20 e 30, a costumada tarde alentejana.

As aventuras dum "ardina"

Aquele vendedor de jornais do Porto de nome Edmundo Ribeiro, que viajoju sem bilhete num comboio da C. P., para poder assistir ao desafio Porto-Benfica, e que foi já restituido á liberdade, conta com o auxilio dos desportistas de Lisboa para poder regressar á sua terra, pois encontra-se desprovido de recursos.

O pobre rapaz procurou-nos hoje para nos fazer esse pedido. Como se trata dum benfiquista entusiasta, esperamos que os socios daquele popular clube lisboeta lhe valham nesta aflição.

Pombos correios

A Sociedade Columbofila do Centro de Portugal, realiza no proximo domingo o seu concurso oficial «Figueira da Fiz-Lisboa», 165 quilometros.

A inscrição para este concurso termina hoje, ás 24 horas, na séde da sociedade, devendo os socios apresentar a quota de fevereiro.

Os pombos deverão ser entregues no dia 30, ás 9 horas, nas zonas ultimamente criadas.

Cursos de inglês

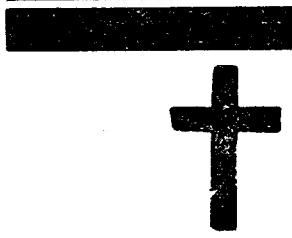
No proximo dia 2 de abril inaugura-se na rua Garrett, 74, 2.º, um curso de inglês para preparação intensiva dos alunos que têm exames daquela disciplina em julho e cursos de conversação geral. Tambem se inaugura um curso rapido de português prático para estrangeiros. Estes cursos para os quais está aberta desde já a matricula, serão regidos por professores ingleses e portugueses.

Esperanto

No proximo dia 1 de abril inaugura-se, na Sociedade Propaganda de Portugal, largo do Chiado, 12, 2.º, um curso elementar de Esperanto, que funcionará ás segundas-feiras e será dirigido pelo sr. Saldanha Carreira.

Vida politica

Tomou hoje posse a nova comissão politica da U. N. da Amadora, composta pelos srs. João Toscano, Julio José da Silva, Avelino Simões, Manuel Palma, Manuel Romero, Augusto José Gonçalves e Alberto Costa Malagueta.



Augusto Pinto d'Araujo

Confortado com os Sacramentos da Egreja

FALECEU

Maria Madalena d'Araujo Gomes e seu marido, Raul Pinto d'Araujo, Filomena Palmeira d'Araujo, Mario Augusto Melo d'Araujo participam ás pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu muito estremoso pai, sogro e avô e que o seu funeral se realiza amanhã, 30, pelas 15 horas, saindo da sua residencia, Avenida da Liberdade, 140, r/c, para o cemiterio do Alto de S. João.

Agencia Salgado
Rua de Santa Marta, 163-A—Telefones 48258/59

Avante Portugal!

a fantasia de grande espectaculo, amanhã, em duas sessões, ás 20,45 e ás 22,45 no COLISEU

Teve que ser adiada para amanhã, mercê de dificuldades de montagem, a primeira representação da fantasia «Avante Portugal!» no Coliseu. De modo que só amanhã vai o publico satisfazer a sua ansiedade por este espectaculo brilhantissimo, movimentado e alegre, que será realizado em sessões, ás 20 e 45, e 22 e 45 e em que tomam parte, além dos nossos melhores artistas do genero, formidaveis atracções internacionais, com nomes que só por si faziam um grande cartaz, como o de Harry Fleming, estupendo bailarino, sem rival nos seus sapateados e varias dansas exoticas e originalissimas criações suas; o de Conchi-Lena, admiravel bailarina internacional, o dos celebres parodistas comicos Vitali e Orioe, geniais nas suas excentricidades e muitas outras novidades e surpresas que o publico vai apreciar de modo a tornar de novo o Coliseu no seu preferido ponto de reunião. Os preços são na verdade popularissimos. Domingo: «Matinée».

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

Oiça!...:

Os cafés d'**A Mariazinha**, comparados a outros cafés, equivalem, pelo menos, ao seguinte:

O dela de 5$60 a outros de ..... 7$60
» » » 7$60 » » » ..... 10$00
» » » 10$00 » » » 12$00 e 14$00
» » » 14$00 » » » 16$, 18$ e 20$00

Os dela de 14$00, 16$00 e 18$00 não têm comparação.

E' facil obter a certeza. Basta prová-los.
Se assim não fôr, restitui-se a importancia.

A Mariazinha
Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(á igreja de S Domingos)

AUTOMOBILISMO

«Récords» de velocidade

O sr. José Cruz Alves da Silva, representante em Lisboa dos automoveis «Adler», recebeu hoje de Berlim um telegrama informando que um carro «Adler Trumpf Junior», tipo Sport, bateu uma serie de «récords» internacionais, realizando uma corrida de regularidade incomparavel, no percurso de Avus a Berlim.

A titulo de informação desportiva, publicamos em seguida a nota dos «récords» que aquele carro bateu: 4.000 quilometros, á média horaria de 110, melhorando o tempo em 1 h. 59 m. 8 s.; 3.000 milhas, á média horaria, de 109, melhorando o tempo em 2 h. 39 m. 32 s.; 5.000 quilometros, á média horaria de 110, melhorando o tempo em 2 h. 48 m. 22 s.; 4.000 milhas, á média horaria de 109, melhorando o tempo em 20 h. 6 m. 39 s.; 5.000 milhas, á média horaria de 108, melhorando o tempo em 24 h. 28 m. 19 s.

Associação «Luiz Braille»

No proximo dia 31 realizam-se, na Associação «Luiz Braille», uma «matinée» e uma «soirée» a favor do socio invisual daquela benemerita colectividade sr. Francisco Lopes.

Os bilhetes, que custam 5 escudos, encontram-se á venda na séde daquela benemerita instituição.

Exposição Alvaro Canelas

Organizado pela revista «Momento», realiza-se amanhã, ás 21 e 30 horas, na Exposição Alvaro Canelas, patente na Casa das Beiras, um sarau literario em que tomam parte os artistas José Augusto, Artur Augusto e Eduardo Malta.

União Electrica Portuguesa

S. A. R. L.

PORTO

Dividendo de 1934

Avisam-se os senhores Accionistas de que, a partir de 1 de Abril proximo, está em pagamento na sede do Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa, e na sua Filial do Porto, o dividendo complementar de 6 0/0, cativo de impostos, ou seja:

Esc. 5$37 por cada acção nominativa e Esc. 5$18 por cada acção ao portador.

Porto, 28 de Março de 1935.

A Direcção

Porquê?

— Se sofre é porque quer. Por isso não se queixe. Razão de queixa tinham os nossos avós que não conheciam a Cafiaspirina. Era o triste jús da sua época. Hoje, graças á Cafiaspirina, completamente inofensiva para o organismo, a dôr desapareceu. So sófrem os que a não usam!

Cafiaspirina

BAYER

O PRODUTO DE CONFIANÇA

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«O Solar dos Barrigas» e a revista «Ondas Curtas».
Gimnasio—A's 21 e 30.—«Deus lhe pague».
Avenida—A's 20 e 30 e 22 e 45—«As Pupilas do Sr. Reitor».
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Arroz doce».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Central—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Capitolio—A's 21
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Odéon—A's 21 e 15.
Sport Lisboa e Benfica—Secção cinematografica—Av. Gomes Pereira—Benfica.
Belem-Jardim—A's 21

A sala-restaurante do CAFÉ-«CHIC» tem conforto, asseio inexcedivel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.ª?

TORROAES

RELOJOARIA DE CONFIANÇA

Relogios de parede

Despertadores dos melhores fabricantes
Modelos modernissimos, de absoluta novidade.
119, R. DA PRATA, 123 — *Telef. 24210*

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Capristano & Ferreira, L.da

BOMBARRAL

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreiras	Horas de partida
Lisboa—Leiria	7,00—14,30
Lisboa—Peniche	7,30—17,30
Lisboa—Nazaré—Alcobaça	8,30—16,30—18,30
Leiria—Lisboa	7,50—15,00
Alcobaça—Nazaré-Lisboa	7,30—10,00—14,30
Peniche—Lisboa	7,00—14,45
Peniche-Caldas da Rainha	7,45—11,00—15,30—1,30.
Caldas da Rainha—Peniche	9,30—12,30—17,30—22,00.
Peniche-Torres Vedras	8,45—16,00.
Torres Vedras-Peniche	11,20—19,5[illegible].

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto ás 7,00
Porto—Lisboa » 7,40

Partidas de Lisboa } Largo de S. Domingos, 11 letra A
Palacio Conde de Almada
TELEFONE 2 1003

Semana Santa e Feira de Sevilha

Excursão

Saída de Lisboa no dia 18 de Abril e regresso no dia 22, por Esc. 180$00.

3 AUTO-CARS DE LUXO

Capristano & Ferreira, L.da
Largo de S. Domingos, 11, letra A

SUM E' o melhor limpa metais

ESTRANGEIRO

Senhoras

PRIMOL a melhor tinta para pintar os cabelos em 15 minutos, em todas as côres, vende pequenas porções Cabeleireiro do Rossio, 93, 2 o

BOLSA DE LISBOA

29 de março

CONTADO

VALORES	Encerrado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 °/° 1923			
convert. em 4 3/4 °/° 1934	1.116$00	1.114$00	1.117$00
Consolidado 5 1/2 °/° 19 3	1.070$00	1.069$ 0	1.071$00
» 4 1/2 °/° 1933	999$00	998$00	999$00
» 4 °/° 1934	935$00	—	—
Externo 3 °/° 1.ª Serie	—	1.557$00	1.563$00
» 3 °/° 2.ª »	—	—	—
» 3 °/° 3.ª »	—	1.560$00	1.575$00
Emp. 4 1/2 °/° 1912	—	2.170$00	2.200$00
» 6 1/2 °/° 1930-Consol	519$00	519$00	—
» 6 3/4 °/° 1930-Portos	—	514$5.	—
» 6 °/° 1932	—	1.027$0	1.032$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx.ª port	—	438$00	450$00
Lisboa & Açores, »	—	390$0.	392$00
Portugal »	—	1.065$00	1.070$00
Espirito Santo	—	—	—
C.as de Seguros			
Bonança	—	830$00	850$00
Fidelidade	—	—	16.000$0
Mundial	—	195$0	2 9$00
Nacional	—	680$00	78 $00
Sagres	—	1.010$00	1.100$00
Tagus	—	800$00	—
C.as diversas			
C. P. ordinarias	—	—	—
» » privilegiadas	—	—	
Aguas de Lisboa, port	—	700$00	7:5$00
Cerveja Estrela	—	41$00	45$00
Cimentos de Leiria	—	—	74.$00
Credito Predial	—	26$00	27$00
Gaz e Electricidade	341$00	344$00	345$00
Navegação	—	—	—
Portugal e Colonias	72$.0	72$10	72$30
Portuguesa de Pesca	—	199$00	200$00
» de Tabacos	413$50	413$00	413 5
Tabacos de Portugal	—	368$00	375$ 0
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	205$0.	205$00
Coloniais			
Assucar d'Angola	502$00	501$0.	503$00
Busi — 1.ª Emissão	—	46$00	48$00
» — 2.ª »	—	—	46:00
Ilha do Principe	180$00	178$00	182$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	501$00	504$00	505$00
Prediaes 6 o/o — 1932 1.ª	91$60	—	—
7 o/o	12.$00	118$0.	120$00
U. Electrica Port. 7 1/2	—	—	130$00
Busi 9 o/o	118:5	118$50	119$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

Telef. 2 5432 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$ 5
Paris	:$19 4	1$1..6
Madrid	:$.90	:$09.7
New-York	2 $7.1	22$73.1
Zurich	7$52 8	7$ 3.8
Roma	1$88 4	1$88,(
Bruxelas	4$40 0	4$10 6
Amsterdão	15$31,5	15$33.0
Berlim	9$.0.8	:$11 0
Praga	$.5 6	$9.7
Rio de Janeiro	1$41,7	1$41,9
Libra ouro	—	—

UMA LATA DE VERDADEIRAS **Pastilhas VALDA** bem empregada, e utilisada a proposito resguardará vossa Garganta, vossos Bronchios, vossos Pulmões, combatendo efficazmente DEFLUXOS, BRONCHITES, GRIPPE, ASTHMA, EMPHYSEMA, etc.

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias EM LATAS com o nome VALDA

Representante H. REYNAUD LISBOA

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID

Rua do Mundo, 115

Proeza dum "gangster,,

NOVA YORK, 29.—O «gangster» Herman Sandler, condenado ha um ano, por ter assaltado o Banco Nacional Americano, de Nashville, Tennessee, roubando 65.000 dolares, conseguiu fugir da prisão. Dirigiu-se imediatamente ao mesmo estabelecimento, cujo caixa o reconheceu logo. Não teve, porem, tempo de gritar, porque o salteador, apontando-lhe uma pistola, o reduziu ao silencio e o obrigou a entregar-lhe um masso de notas, que o proprio Sandler indicou e que valia 60.000 dolares. O ladrão desapareceu num automovel.—(Americana).

O jubileu de Jorge V

DUBLIN, 29.—O presidente De Valera desfeiteou o rei Jorge V, da Inglaterra, anunciando ao chefe do governo britanico que não podia aceitar o convite que lhe fôra enviado para se associar pessoalmente ás homenagens comemorativas das bodas de prata do soberano e encarregando de o representar nessas cerimonias John Dulency, comissario d' Estado Livre da Irlanda em Londres.—(United Press).

O rapto do jornalista alemão

PARIS, 29—Guillaume, comissario da Policia judiciaria, tem continuado a ouvir testemunhas na investigação a que está procedendo com respeito ás responsabilidades de Weseman, suposto autor do rapto do jornalista Jacob.

Entre outras personalidades, foi ouvido Helmut von Gerlach, ex-presidente da Liga alemã dos Direitos do Homem.—(Havas).

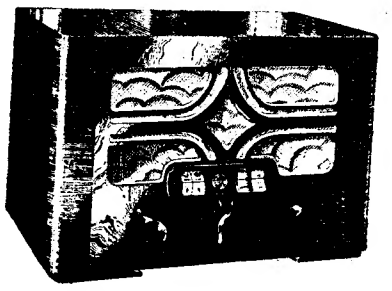
BERNE, 29.—Continuam as investigações judiciais sobre o rapto do jornalista alemão Jacob. Os protestos em todo o país são cada vez mais clamorosos. Jacob encontra-se, de facto, na Alemanha. Já ha noticias positivas. Será julgado dentro de semanas. Consta que a Suiça já protestou contra o abuso e que o governo alemão respondeu ignorar as condições em que o fogoso adversario dos nazis foi preso.—(Americana).

Depois da revolução grega

ATENAS, 29—O tribunal marcial que está a funcionar nesta cidade deve proferir hoje a sua primeira sentença.—(Havas)

Vamo-nos embora!

"Fujamos a esta multidão. Em casa apreciaremos, mais tranquilos e com maior conforto a diversidade de programas que nos proporciona o nosso Philips 521..



- Selectividade

- Sensibilidade

- Puresa de som

Esc. 120$00 mensais

PHILIPS

"OCTODO SUPER,, 521

A moeda belga separou-se

do padrão-ouro

e será desvalorizada em 25 °/o

BRUXELAS, 29—O novo governo apresentou-se hoje á Camara. A declaração ministerial, esperada com grande interesse, foi lida pelo chefe do governo, Van Zeeland. Começa por dizer que «o governo encontra na sua frente uma situação particularmente grave» e descreve em breves palavras os principais problemas a resolver e as principais dificuldades com que a Belgica se debate.

O problema—que por nossa infelicidade desperta a atenção ansiosa de todos os belgas, é o monetário.

Ha actualmente duas moedas, com cotações que começam a divergir: uma interna, outra externa. O «controle» cambial veio acrescentar mais uma dificuldade ás que sobrecarregam os negocios e não conseguiu impedir as saidas de capitais e a diminuição do ouro em caixa».

A declaração ministerial cita em seguida as dificuldades em que se têm visto nestes ultimos meses os bancos belgas, e as suas repercussões na opinião publica.

«O movimento persistente das retiradas de depósitos obriga os Bancos a recorrer ao Instituto Emissor. Este tem-se visto obrigado a intervir para evitar acidentes graves».

«O governo reconhece ser impossivel assegurar a defesa do franco belga, com os métodos e ao nivel até agora adoptados. A fim de conjurar males maiores o governo convida o país a tomar novo rumo. Assim a partida de ouro actual, estabelecida pelas leis de 1926, será suspensa.

«Propomo-nos usar de todos os meios para apressar a conclusão dum acôrdo internacional que estabeleça o principio do padrão ouro para as moedas. Pediremos ao Parlamento, na previsão dessa eventualidade, que nos autorize a ligarmo-nos de novo ao ouro em virtude dum pacto a assinar pelos grandes países, mas não ao nivel de agora».

Este regime entrará em vigor depois de amanhã. Para evitar manobras haverá uma desvalorização cambial. Van Zeeland anunciou já a depreciação de 25 0/0 em relação ao nivel actual da moeda...

A declaração ministerial continua:

«Assim apoiado por uma nova linha de defesa dotado dum encaixe ouro cuja percentagem se revelará superior ao que actualmente é, o franco belga passará a disfrutar duma solidez incomparavel».

O governo propõe-se, não só instituir o «contrôle» dos Bancos, como aliviar os encargos fiscais, criar uma Repartição de redesconto no Instituto Hipotecario e deminuir o preço do aluguer do dinheiro. Finalmente o governo vai orientar todo o seu programa no sentido da expansão economica, porquanto é este o unico método de voltar a fazer trabalhar aqueles que se encontram desempregados.—(Havas)

AS TEMPESTADES DE AREIA

já provocaram 100 mortos

NOVA YORK, 29.—As tempestades de areia provocaram uma doença a que se dá o nome de «pneumonia de areia». Ha milhares de pessoas atacadas, e já se registaram mais de cem mortes. No Colorado a areia cumulou-se de tal modo junto das casas, que é preciso afastá-la com enxadas para se poder entrar.—(Americana).

Deportações na Russia

RIGA, 29.—Noticias de Moscovo dizem que nos ultimos tempos se fizeram 10.000 deportações de medicos, engenheiros, professores, estudantes, operarios e muitas mulheres.—(Americana).

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON — PALACIO
ANIACHAK,
O Preludio do Inferno
O Danubio Azul

O MOMENTO INTERNACIONAL

A Imprensa inglesa mostra-se optimista acêrca das conversações em curso

Lord Eden, Litvinoff e Staline acordaram numa acção comum para a defesa da paz

LONDRES, 29. — O resultado das conversações de caracter informativo que lord Eden efectua neste momento em Moscovo e que prosseguirá em Varsovia e Praga é esperado com ansiedade natural para que se possa formar um juizo mais concreto e mais amplo sobre a situação europeia. Logo que se possuam todos os dados, a situação será devidamente discutida por sir John Simon, Mussolini e Pierre Laval na conferencia de Stresa.

Os jornais de Londres, comentando a série de conversações de caracter informativo, que se realizaram em Berlim, dizem que elas serviram pelo menos para tornar mais forte a idéa já existente da gravidade dos problemas que esses três homens de Estado devem tratar e resolver nessa reunião.

Segundo o que afirmam o «Daily Telegraph», o «News Chronicle» e o «Daily Herald», o chanceler Hitler teria declarado que a Alemanha possui já uma força aerea tão forte como a britanica, que o Reich deseja a paridade naval com a Italia e com a França e que o objectivo do serviço militar obrigatorio consistiu em dotar o país com um exercito de 500.000 homens.

O «News Chronicle» diz que, segundo se afirma em Berlim, não houve da parte da Alemanha qualquer sugestão quanto a um sistema colectivo de segurança. O mesmo jornal diz que o governo britanico compreende agora que a situação na Europa terá de se encarar de outra maneira e que o facto dará uma enorme importancia á Conferencia de Stresa. O «Daily Herald», por outro lado, diz que o principal papel da Gran-Bretanha deverá ser o de tornar mais forte e mais solido o papel que desempenha a Sociedade das Nações e conseguir o desejado sistema de segurança colectiva. — «Sem a Alemanha — escreve aquele jornal — a S. D. N. estará incompleta; mas mesmo sem a Alemanha, aquele organismo poderá manter a paz na Europa». O «Daily Telegraph», referindo-se ás consideraveis divergencias de opinião que existem entre os governos britanico e alemão — segundo as declarações feitas ontem por sir John Simon na Camara dos Comuns — diz que as conversações de Berlim serviram, pelo menos, para se chegar a essa conclusão. O mesmo jornal, aludindo á tão falada atitude de Hitler perante a Russia sovietica, escreve: — «A opinião publica britanica tem o direito de preguntar porque é que, se a Alemanha justifica as necessidades do seu exercito terrestre e aereo e em virtude do perigo comunista, e se não possui quaisquer intenções de expansão no lado oriental, se mostra tão renitente a entrar num pacto colectivo de segurança?».

O «Times» escreve apenas o seguinte: — «A primeira necessidade da nossa civilização é opôr a uma concentração de aviões de bombardeamento uma esmagadora concentração de forças». O «Manchester Guardian», comentando a situação, é de opinião que a atitude da Inglaterra começa a pouco e pouco a tornar-se clara: — «Consiste em tornar sólido o sistema europeu por todos os meios ao nosso alcance — que são diversos — e com a nossa influencia — que é grande». Este jornal entende que tudo indica que a situação não é pessimista e que «a despeito de todos os malôgros e alarmes destes ultimos dois anos, as nações da Europa apertam os laços que as prendem. Desejamos vivamente que a Alemanha etnha a sua parte nesta fusão de nações. Em todo o caso, uma coisa é certa — a necessidade da coesão prosseguir». — (Havas).

Comentarios americanos

NOVA YORK, 29—A atitude da Inglaterra perante as exigencias da Alemanha no que respeita ao rearmamento provoca na Imprensa americana comentarios extremamente contraditorios. O «World Telegram» escreve: «Uma guerra de origem alemã dirigir-se-á contra a Russia. A Alemanha «trabalha» o governo conservador britanico, pois considera-o o elo mais fraco da cadeia dos aliados, desejosos de evitar a guerra. Hitler manobra inteligentemente «o medo á Alemanha e o odio á Russia sovietica», e para convencer o governo britanico da potencia militar alemã agirá unicamente contra a U. R. S. S., procurando obter assim a neutralidade da Inglaterra».—(Havas)

O programa naval francês

PARIS, 29—O Senado aprovou por unanimidade—272 votos—o projecto de lei que autoriza o governo a mandar executar o programa naval de 1935. Esta deliberação foi tomada depois da intervenção de Pietri, ministro da Marinha, que justificou a necessidade da construção imediata de um cruzador de linha de 35.000 toneladas e dois contra-torpedeiros.—(Havas)

O problema austro-alemão

VIENA, 29.—Rataja, antigo ministro dos Estrangeiros, proferiu ontem um discurso nesta cidade em que declarou que é irrealizavel o apaziguamento austro-alemão. «A Alemanha—disse—não descansará enquanto não anexar a Austria, a não ser que sofra uma derrota total. A conquista da Austria é para Hitler uma questão pessoal. Não o esqueçamos».—(Havas).

Conversações franco-britanicas

LONDRES, 29.—O embaixador da França nesta cidade teve ontem uma larga conferencia, no «Foreing Office» com sir Robert Van Sittart, secretario de Estado permanente.—(Havas).

Comentarios alemães

BERLIM, 29.—Quasi todos os jornais, comentando a informação do «Daily Telegraph», oficialmente desmentida pelo governo do Reich, e passando em revista outras noticias sobre pretensos propositos ou desejos da Alemanha, dizem que seria de desejar maior comedimento e uma maior noção da responsabilidade. «Não se compreende—diz o «Berliner Tageblatt»—que jornais que se mostram tão devotados á ordem tudo façam para alarmar e criar embaraços.

«O Fuehrer—acrescenta—mostrou aos representantes da Inglaterra o que pretende. Não se deve esquecer, como frisou o «Times» e declarou John Simon, que os ministros ingleses vieram a Berlim para se informar e não para tomar decisões».

Por motivo da recente manifestação do «Francismo», em Paris, manifestação em que o fundador daquele movimento nacional francês, Marcel Bucard, defendeu o Estado corporativo e uma aproximação franco-alemã, que garantisse a paz de uma vez para sempre e atacou uma aliança franco-russa, toda a Imprensa diz que o povo francês quere trabalhar em sossego, sem se preocupar com intrigas, acompanhando os ex-combatentes, cujo patriotismo foi firmado praticamente.

A «Frankfuerter Zeitung» diz que sobre o problema do rearmamento alemão são possiveis negociações para a modificação da lei militar alemã. Hitler pôs assim a questão, nas suas conversas com os delegados ingleses e declarou-se pronto a assinar uma convenção sobre os armamentos.—(Americana).

As conversações de Moscovo

RIGA, 29.—Comunicam de Moscovo que Eden, Litvinov e Staline acharam necessaria uma acção comum para a defesa da paz. A decisão final depende da conferencia de Stresa.—(Americana).

O Reich informa os Estados Unidos

WASHINGTON, 29.—O embaixador da Alemanha nesta capital teve hoje uma larga entrevista com o secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, sr. Hul, a quem deu conhecimento verbal da posição do governo do Reich perante a crise politica e de armamentos que se está a registar na Europa.

Tanto o embaixador como o ministro Hull, se negaram a fazer quaisquer declarações sobre a troca de impressões que realizaram.— (United Press).

Chefe temporal e espiritual

BERLIM, 29.—O chanceler Hitler tem o proposito de estabelecer o periodo minimo de dois anos para o serviço militar obrigatorio.

Supõe-se que Hitler, tal como sucedeu na suprema magistratura da nação, poderá vir a ser o chefe supremo da igreja na Alemanha, a fim de se pôr termo ás divergencias que trazem divididas as igrejas catolica e evangelica no Reich.—(United Press).

ESTÁ A ARDER NO PORTO

uma fabrica de tintas e alvaiades e encontram-se em perigo outros edificios

PORTO, 29, ás 17 e 10 (Pelo telefone)—Pelas 17 horas, declarou-se, com grande violencia, um incendio na fabrica de tintas e alvalades «Alvôr», pertencente á firma Carvalho, Ribeiro & C.ª, no largo do Corpo da Guarda, no populoso bairro da Sé.

As chamas elevam-se a grande altura, e uma enorme multidão é contida a distancia pela Policia.

Trabalham na extinção do incendio todas as corporações de bombeiros.

A fabrica em chamas compõe-se de diversos barracões que estão situados num local rodeado por pequenas fabricas, entre as quais uma de refinação de açucar.

Perto do edificio incendiado ha alguns armazens de materias inflamaveis e uma dependencia pertencente á Guarda Fiscal, que segundo se afirma tem ali instalado um deposito de munições.

Até á hora a que telefonamos, não ha noticia de qualquer desastre pessoal.

Demitiu-se o govêrno espanhol

por ter poupado a vida a 21 condenados á morte

MADRID, 29. — Na reunião de hoje do Conselho de ministros resolveu-se, por maioria, conceder o indulto ao ex-deputado socialista Gonzalez Peña e a mais vinte condenados á morte, por motivo da ultima revolução.

Perante esse facto, os ministros da "Ceda", os liberais-democraticos e os agrarios apresentaram imediatamente a sua demissão. Lerroux declarou que a crise seria total.

Ao terminar o Conselho, o chefe do govêrno confirmou a demissão colectiva do gabinete e anunciou que ia solicitar telefonicamente a vinda de Alcalá Zamora a Madrid, a fim de lhe apresentar a demissão. — (United Press).

Mais uma condenação á morte

SARAGOÇA, 29.— O conselho de guerra que se reuniu nesta cidade para julgar os implicados nos acontecimentos ocorridos durante a revolução de outubro na povoação de Uncastillo, condenou á morte o ex-alcaide Antonio Plano, considerado chefe do movimento. Os restantes acusados, para quem o promotor de justiça pedira tambem a pena de morte, foram condenados a prisão perpetua. Dos outros 55 para quem a acusação fôra mais benevola, uns foram restituidos á liberdade e outros viram as suas sentenças muito reduzidas.—(United Press).

Vida parlamentar

(*Continuação da 5.ª pagina*)

veis, rusticos ou urbanos, atinentes á sua instalação».

Vencimentos do funcionalismo

O projecto sobre vencimentos do funcionalismo publico merece á Camara, entre outras, as seguintes considerações:

O projecto de lei n.º 19, da autoria do deputado sr. Artur Leal Lobo da Costa, vem focar um problema a que não negamos interesse, mas que nos parece não poder ser objecto facil de reforma enquanto não fôr considerado no seu conjunto e enquanto não fôr baseado naqueles elementos de resolução que só a Administração possui.

Para legislar em materia de vencimentos é necessario, com efeito, possuir os mais minuciosos dados da questão. Só nos ministerios esse estudo pode ser feito utilmente, embora depois (mas com os dados fornecidos pela Administração, e que só ela está em condições de elaborar) estejamos aptos, nós tambem, a formar opinião segura sobre o assunto.

No projecto em referencia nem o problema é tratado no seu conjunto, nem o seu autor, como nós, aliás, se encontra na posse de elementos bastantes para decidir com segurança.

Não ha nesta apreciação o menor desprimor. Resulta como inelutavel consequencia da posição em que, uns e outros, nos encontramos fora da Administração.

Posta a questão neste pé, a Camara termina o seu parecer por considerar, mesmo, que o projecto não traz novidades que mereçam a sua transformação em lei.

Conselho da presidencia

Reuniu-se hoje o conselho da presidencia da Camara Corporativa que distribuiu pelas secções respectivas as quatro propostas de lei enviadas ontem pelo governo á Assembleia Nacional.

BAILE DE MI-CAREME
no Jardim Cinema
Amanhã, 30, realiza-se no grande salão de festas desta bela Casa de espectaculos um grandioso Baile de «Mi-Carême», animado por dois magnificos grupos musicais.
ZENITH - Recorder

MAXIM'S
Amanhã, Sabado, 30
Estreia da Orquestra Feminina
BLUE JAZZ LADIES
Variedades pelas bailarinas alemãs
Spadoni e Ilda Valnau
ULTIMO BAILE DE MASCARAS
As senhoras mascaradas têm entrada livre

ZENITH - Recorder
ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA – Telefone 20271

TRÊS INEDITOS

A MORTE DE D. LUIZ

evocada por Guerra Junqueiro numa pagina de extraordinaria intensidade dramatica

Antonio Feijó e o autor dos «Simples» enamoraram-se, liricamente, da mesma mulher

Entre os nossos papeis velhos possuimos, em autografo, um escrito em prosa do autor da *Morte de D. João*, que julgamos inedito.

Trata-se de um artigo que, a proposito da morte de el-rei D. Luiz, ocorrida em 19 de outubro de 1889, devia ser publicado no velho «Jornal do Comercio», mas que por circunstancias para nós desconhecidas, não teve aquele destino.

Não é comparavel ás paginas famosas que, nos *Gatos*, dedicou ao *Enterro de D. Luiz*, Fialho de Almeida, mas é um pedaço de prosa, bem junqueiriano, que merece ser conhecido.

E' datado, de Viana do Castelo, onde então residia o poeta, que ali se consorciou com uma irmã do comendador... e alquilador Sebastião Neves, sobrinho de um esquecido vate e boémio Manuel da Graça Roças, autor dum livrinho de inspiradas poesias *Rosas dum dia*, impresso naquela cidade em 1894.

★ ★ ★

Tambem, entre os nossos papeis velhos encontramos a copia de uma poesia de Guerra Junqueiro, que supomos inédita, feita nesta cidade, em 1880 ou 1881, e dedicada a sua futura cunhada Maria, que, depois desposou o, mais tarde, general Silva Monteiro. Tem por titulo *Maria*.

A proposito desta poesia escreveu, na mesma ocasião, uns versos, que intitulou *A uma loira*, o falecido poeta limiano Antonio Feijó, que residia em Ponte do Lima, mas que, por aquela epoca, ia frequentes vezes á risonha Viana, onde floresciam, então, muitos engenhos poeticos que, pelas paginas da *Aurora do Lima* e do *Pero Galego*, espalhavam as suas produções.

Parece-nos interessante, dando á publicidade estes inéditos, deixar assim enlaçados os dois notaveis poetas portugueses Guerra Junqueiro e Antonio Feijó, ambos bem dignos da nossa maior admiração.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

Na tragica e formidavel agonia de D. Luiz I, que mais parece inventada por Eschilo ou Shakespeare para o final castigo pavoroso dalgum tirano legendario, ha sobretudo um momento imortal, duma grandeza horrida e sinistra, momento que é a concentração de milhões de seculos d'angustias, e de tal forma extraordinario e dilacerante que a minha alma, contemplando-o, atonita d'assombro, trespassada de panico, cai numa sincope inenarravel de misticismo e de infinito.

A cena, em resumo, é esta:

El-Rei, segundo afirmam, não teve nunca a consciencia perfeita do seu estado irremediavel.

A doença nos ultimos dias precipitou-se rapida e fulminante. Veio a paralisia, o delirio, o coma, a decomposição, a insensibilidade quasi. A medicina, torturando-o, prolongára-lhe a morte. O corpo d'El-Rei era um cadaver, onde a alma inerte bruxuleava trémula, faula de vida inconsciente num montão de cinzas insepultas. A agonia era atrocissima para quem a presenciava. Para o agonizante já não, dizia a ciencia. Como os mortos não sofrem, El-Rei quasi que não deveria sofrer. Ainda bem! Decorrem 48 horas interminaveis... Nisto aproxima-se o ultimo estertor... O Patriarca resa em voz alta as supremas orações, e a esposa, os filhos, os criados do Paço acercam-se do leito do moribundo. E' a pragmatica que o ordena. A morte dum rei constitui ainda, ao que parece, uma cerimonia de côrte, um acto oficial, regulamentado e fixo. O monarca, no derradeiro alento, não dá acôrdo de si... Ainda bem!...

Mas eis que de subito acordou Deus aquela alma, e disse-lhe:—contempla-te!—E a alma do moribundo despertou da catalepsia pantanosa e veio assomar-se estremunhada e lívida ás janelas embaciadas dos seus olhos...

E ela viu instantaneamente o seu corpo real apodrecido e cadaverico, lavrado de chagas, roido de gangrena, coberto de ignominia, e diante dele os seus cortezãos, os seus ministros, os seus aulicos, como espectadores inesperados da sua agonia pavorosa, da sua miseria excruciante, desesperadamente irremediavel, irremediavel, irremediavel!...

Que grito mudo de aflição e de piedade se desentranharia nesse instante dessa alma! Que grito inexprimivel de dôr e de sofrimento, como nenhum outro mais fundo tenha talvez rompido ainda do coração dum homem!

Oh, como a alma do monarca fugiria horrorisada dessa visão tremendissima, indo esconder-se a soluçar na noite interna do seu cerebro, onde por sua vez lhe surgiria ainda tragica e formidanda a visão enigmatica do infinito, o misterioso espectro inevitavel da eternidade e do silencio!...

Como eu compreendo bem que o desgraçado monarca despedisse então a sua côrte com um olhar d'enfado, volvendo-o ao mesmo tempo lacrimoso e reconhecido para quem na sua agonia atormentada e sobrehumana lhe fôra a companheira inexcedivelmente boa e carinhosa!...

Viana do Castelo, 25.

GUERRA JUNQUEIRO

A uma loirá

Alguem, que muito admiro, e de quem sou amigo,
Num poema que lembra um memorial antigo,
Chamou-te irmã do lirio e pomba e rosa e aurora...
A que ha de abalançar-se o meu engenho agora?

Eu não encontro flôr nos prados em abril
Que possa comparar-se a uma mulher gentil.
E depois disto eu só posso dizer-te em suma,
Que és formada dalgum floco d'espuma,
E dum raio de sol que, ao aquecê-lo, doira
Num beijo luminoso, os teus cabelos, loira!

ANTONIO FEIJÓ

A Maria

Loira como um enxame esplendido de abelhas;
Loira como os trigais e as crianças vermelhas;
Loira como em agosto á beira dos caminhos
A madresilva em flor embalsamando os ninhos;

Loira! tu és formosa e portanto és bondosa
A tua irmã é o lirio, e tu, Maria, a rosa;
Ora tu sabes bem, sou sacritissimo franco,
Que eu amo doidamente, a rosa, o lirio branco.

Protege o vosso amor, protege a tua irmã;
Sim, anima, protege a estrela da manhã!
Auxilia-nos, pomba, e diz-nos qual seja
O caminho que leva os noivos para a igreja.

GUERRA JUNQUEIRO

HISTORIETAS EXEMPLARES

por JOAQUIM MANSO

NOVELA DUM HOMEM

Estava velho aos quarenta anos—sem uma esperança nem uma ilusão. Quando olhava atentamente para si, medindo a queda do seu ser, dizia baixinho:

—Perdido sem remedio...

Os amigos falavam-lhe apreensivos, tentando com delicadeza desviá-lo dos pensamentos sombrios:

—Porque não vais dar um passeio pelo estrangeiro? Isso far-te-ia bem...

Ele sorria do fundo imenso da sua tristeza e afastava, com um ligeiro encolher de ombros, a sugestão inerte e desapetecida.

—Viajar, para quê? Eu careço, sobretudo, de viver em paz comigo, em silencio absoluto. Mesmo que desse volta ao mundo, toranria mais palido e mais vincado pelo sofrimento.

—Mas de que te queixas tu? Definhas de dia para dia e ninguem conhece o mal que te punge. Consulta medicos de confiança que estudem o teu caso e que te prescrevam um tratamento rigoroso. Assim é que não pode ser!

Ele baixava a cabeça num gesto de renuncia total, como se lhe tardasse o abraço da morte e após um momento de cisma virava-se para os presentes, com falsa decisão:

—Pois bem! Partirei amanhã para Lisboa, a fim de esclarecer-me e sossegar-me. Não deve ser nada... Duas semanas, numa casa de saude, e fico são como um pero.

—Ora até que enfim! Se ha mais tempo te tivesses resolvido, não haveria tantas inquietações em roda de ti. Um homem na força da vida...

Um a um, despediam-se os amigos que não se iludiam com a sua promessa nem com a sorte que o esperava. Por seu lado, ele sabia que as palavras animadoras com que queriam embalá-lo significavam, quando muito, amparo inutil, numa situação julgada e condenada. O ultimo a retirar-se era sempre o seu antigo condiscipulo Manuel Moniz, que da advocacia derivára para a lavoura e da lavoura para a meditação das «verdades impenetraveis». Os dois entendiam-se e desabafavam na maior intimidade.

—Querido Manuel, não me doi nada, mas sinto que me apago como uma vela que não tem mais cêra para queimar. Não sou casado nem tenho parentes que me interessem. Comigo acaba uma familia e um rosario de virtudes. A's vezes, pregunto a mim proprio:

—«Não te pesa a renuncia, quando os outros, na tua idade, ainda formam planos e constroem lares?». Com franquesa, não me seduz a idéa de prolongar a geração dos Silveiras, meus rijos antepassados. Está assente: serei o mais fragil, o mais palido e o mais desolado dos seus bisnetos. Todos eles trabalharam, cada qual a seu modo, para que eu lutasse pela divisa que honraram:—«Servir e partir».

—Não prefeririam eles que reparasses a capela em que jazem as saus venerandas cinzas, mostrando assim quanto estimas os exemplos que te legaram?

—Inutil e impossivel. Conheces-me, desde menino. Fui sempre o mesmo: uma raiz anemica e um coração hesitante. Os meus avós gastaram a herança que me cabia e deixaram-me os seus remorsos. Eu sou o filho das suas penitencias. Em mim se ajuntaram as suas fraquezas. E' por isso que não goso de saude nem de alegria. Se chorasse, talvez, com as minhas magoas reverdecesse a cineraria que me refrescou a mocidade. Depereço com a carga incorporea das inperfeições que me conceberam. Os delitos que ousaram e as faltas que cometeram deram aos meus antepassados o direito de eu lhes sacrificar a existencia. Em cada uma das minhas celulas, está oculto um pecado. Que consulte um medico, muitos medicos—recomendam-me. De que serve curar-me? O meu mal escapa á penetração da ciencia. Poderá alguem descobrir na minha consciencia as enfermidades que é de uso pesquisarem-se nos corpos? Sucumbo, meu Manuel, por todas as negações que se acumulam numa longa genealogia e que se resumem nesta formula:—«Morreu, sob o peso de sete seculos de impuresas!».

—Quando tu falas, cuido que tu achas uma desculpa para a pena que trazes recatada no peito...

—A minha intenção, ao abrir-me contigo, aspira modestamente a convencer-te de que não sou um gafado, um ceptico ou um torturado romantico. Tenho a minha fé—pior que a cicuta. Mesmo que para viver, eu houvesse de a renegar, não me atreveria. Se algum lampejo de orgulho me resta é este—transportar para o Calvario a cruz que me lançaram sobre os ombros os Silveiras que, no outro mundo, aguardam a minha chegada. Na elegia das cinzas, não existe amargura superior á minha...

—Recolhe-te, que o ar frio da noite põe-te a tiritar.

—Adeus, Manuel, e não te esqueças de me trazer o recente livro de Valery. Necessito que a razão matematica dum poeta me ajude a compreender a paixão dum asceta. Anda o mundo tão desconcertado que me faz lembrar aquele castelo onde os servos prenderam os senhores e lhes vestiram as suas librés.

IMAGENS DE PORTUGAL

«COIMBRA», *desenho de João Carlos*

UMA VITORIA DIFICIL

Ergueu-se ás sete horas da manhã e começou logo a praguejar contra a porta do quarto onde a filha dormia:

—Toca a levantar num pulo, não seja preguiçosa. Tem de governar a casa e dorme a sono solto. Diabos levem quem não cuida das suas obrigações!

E num rompante de animal insofrido, partiu pelo corredor adiante, embrulhado no vasto roupão desbotado, batendo no soalho com as grossas sandalias, pesado e enorme, resfolegando com a sua rouquidão de bronquitico:

—Has de ser «fresca» com esse amor á cama e esse arzinho pintado de Nossa-Senhora-não-te-rales. Gasta a gente rios de dinheiro a educar uma filha que vem do colegio, ao cabo de oito anos, triste e palida como se não tivesse sangue nas veias.

Aproximou-se duma janela com grades que, lá ao fundo, abria para a toalha argentea do rio, demorando-se na contemplação do primeiro barco que, a caminho do Barreiro, atirava para o azul purissimo e orvalhado alguns rolos de fumo, dourado pelo sol nascente.

—Tudo desperta e se agita para o trabalho...

Virou-se para trás e, vendo que o quarto continuava fechado, trémulo de ira e de rumorosa impotencia, imaginando que o terror ia brotar das suas passadas violentas, gritou:

—Ou sim, ou sopas! A menina salta cá para fora ou espera que eu lhe tire a lazeira?

Nisto, Maria Dulce surgiu, calma e perfeita no seu quimono de ramagens azuladas, apertado na cintura breve por uma larga fita preta, em grandes laços frouxos.

—Bons dias, papá! Está zangado, porquê?

—Não querem lá vêr a sonsa! Apressei a tua vinda do colegio, visto seres agora a providencia da casa, e ficarias certamente na cama até ao meio dia, se eu te não acordasse...

—Não digas tolices, papázinho. Quando rompeu pelo corredor, como uma peça de artelharia, já eu tranquilamente me vestia para depois me entregar ás minhas obrigações. Não se impaciente, que as pressas geralmente fazem-nos andar mais devagar.

—Bonito! Agora armas em doutora e pretendes dar-me lições. Raios partam a minha sorte! Sou mais velho que tu e portanto exijo respeito e consideração, quando te dirigires a mim. Como o mundo anda torto...

—Não se irrite, porque podem os criados supôr que eu o ofendi. Quero ser obediente, como a folha ao vento que passa. Mas não me roube a autoridade de que careço para me impôr. Se o papá me desconsidera, quem será a minha protecção? De resto, é bom que se não esqueça de que fiz dezoito anos e gosto de ser-lhe agradavel, por inclinação e não por medo.

O sr. Manuel Antunes, industrial de fundições, honrado nos seus negocios e improgressivo nos seus hábitos, despotico como um principe e submisso como um escravo, fez meia volta e abalou para o seu banho, murmurando confuso:

—O diabo da rapariga nem é medrosa nem parece parva. Convem não lho dar a perceber, aliás põe-me o pé no cachaço.

Durante alguns dias, quando a luz matinal espalhava pelas aguas do Tejo os seus tons ruivos, ei-lo, pé ante pé, a escutar se a filha dava sinal de proceder ás suas abluções. Recolhera os seus destemperados rumores de Cesar grotesco. Depois de trint'anos de tirania domestica, o sr. Manuel Antunes sentia-se espicaçado pela seguinte duvida:

—Terei eu sido um esposo cruel e insuportavel para a minha saudosa mulher?

Esta interrogação trouxe-lhe remorsos, subitas mudanças de côr e perda galopante de peso. A consciencia reagiu nele, provocando tambem inapetencia.

—Que ela me perdôe os desgostos que lhe causei e que ela—coitadinha!—sofreu sem um queixume.

Passou a demorar os olhos na filha, quasi com susto, mas enternecido. No escritorio, lembrava-se dela e dizia consigo:

—Filha da minh'alma, como ela é linda e atenciosa comigo! Deus ma conserve para bem.

Quando regressava ao lar, subia as escadas com esforço para entrar mais depressa e beijá-la com um enlevo feito de devoção pela maravilha que Deus lhe reservara para a sua velhice dinheirosa, mas carecia de carinhos nunca provados.

—Esteve cá, papázinho, o José Antonio, que me trouxe aquele ramo de lilazes brancos...

Manuel Antunes empalideceu, encostando-se a um contador, com receio de cair. Suspeitou que um ladrão se preparava para lhe roubar o seu tesouro. Perderia ele qualquer dia a sua querida filha nos braços fortes e amorosos dum noivo irresistivel?...

Desapertou-se-lhe o furor no sangue a escaldar e bateu com os pu-

Vêr continuação na 7.ª pagina

Notas em circulação

Nem mesmo alguns seculos depois da sua consagração é feliz e facil a sorte das obras-primas. O excesso de comentarios e interpretações abafa-as, persegue-as, perturba-as na simpatia do publico, e até ás vezes deminui a sua limpida irradiação através dos espiritos que se dispunham a admirá-las sem reserva. O teatro de Shakespeare não escapou, já se vê, á triste sina, sofrendo vicissitudes semelhantes áquelas que atingiram o nome do seu autor, ora considerado pseudonimo de Bacon, ora disfarce de lord Essex. Agora, parece que, realmente, Shakespeare era Shakespeare—e nada mais.

E nada mais é necessario, de facto, para que o mundo inteiro continui a adoptar e a venerar o seu genio de inegualavel fulgôr.

Mas, não ha talvez quinze dias, o professor belga sr. Henri Grégoire, comunicou á Academia de Inscrições e Belas Artes de Paris uma descoberta sensacional sobre a origem da inspiração da «Tempestade», joia radiosa do lirismo shakespeareano. E o que disse o sr. Henri Grégoire? Disse que a «Tempestade» fôra inspirada num conto popular bulgaro, já aproveitado por um alemão, Ayrer, e por um espanhol. Eslava, no seculo XVII. O sr. Gregoire demonstrou eruditamente que os personagens da «Tempestade» tinham sido fornecidos pela lenda, desde Prospero á sua filha, desde esta ao seu apaixonado, etc., etc. Uma série de argumentos esmagadores. Só Ariel, o alado e inefavel Ariel, é criação pessoal do grande Will. Só—e basta, afinal. Sem Ariel, a «Tempestade», a «Tempestade» de Shakespeare não existe. Em Ariel reside a sua beleza, o seu encanto, a sua perfeição de arte, a sua filosofia, a sua poesia de imarcessivel sedução, a sua imortal e deliciosa doçura. De que vale pois saber-se que Shakespeare buscou as outras figuras no velho conto bulgaro? Imitou-o ele? Não! Transfigurou-o. E é nessa transformação que está a profunda originalidade da peça. Temos muito respeito pelos homens de ciencia. Quer-nos parecer, porém, que pouco, pouquissimo ganha a ciencia, esfalfando-se tanto para provar, em suma, o que não tem prova possivel, ou aceitavel...

■

Os poetas errantes da Idade Média, diz o sr. Guilherme Luetge, na revista «Cursos y Conferencias», de Buenos Aires, «eram os boemios daquela epoca». As leis não lhes ofereciam a menor protecção, e, por isso, trataram de servir-se estrictamente, formando uma especie de «Ordem» analoga ás ordens de cavalaria, com o seu codigo especial. Defenderam-se o melhor que puderam da perfeita indiferença geral, constituindo uma força organizada, contra a qual os poderosos não se atreviam a lutar de frente. Felizes boemios! Não deixaram de haurir na vida livre e plena a inspiração do seu lirismo, mas dentro da modestia propria á sua condição, sabiam tambem não morrer de fome. Não haverá nada a aproveitar no seu exemplo para os errantes ou não errantes poetas de hoje? Talvez merecesse a pena estudar o assunto, sendo certo, como é, que uma sociedade sem poesia e sem poetas não é sequer sociedade:—é um agregado de ambições mais ou menos inferiores...

O sr. Gilberto Freyre é um dos autores mais ilustres da literatura brasileira contemporanea. Já neste jornal se louvou devidamente o seu formoso livro «Casa Grande & Senzala», estudo de alta erudição e de nobre inteligencia sobre a formação etnica do Brasil. O sr. Azevedo Amaral—outro nome consagrado na grande patria de além-Atlantico—criticando esse livro, que tanta sensação provocou, diverge do conceito da raça nele expresso. Merece registo a resposta de Gilberto Freyre, que interessa não só a sociologia, mas toda e qualquer manifestação de pensamento a proposito do momentoso assunto. Eis como Gilberto Freyre define a sua orientação, que bem nos parece ser a unica a seguir na visão do problema racico, no Brasil e em toda a parte:

«A Franz Boas devem-se talvez os melhores estudos modernos sobre os problemas de raça na sua relação com os de cultura. Nesses estudos não se desconhecem as diferenças entre as raças—principalmente quando puras ou quasi puras. Nem se nega a influencia da hereditariedade. O que os estudos de Boas e ultimamente os de Herskovits perecem indicar é a tendencia para a uniformidade de tipo social e até fisico, de individuos de origens etnicas diversas, quando sujeitos á influencia do mesmo meio, do mesmo sistema de alimentação, de condições economicas identicas. Estas teriam uma força consideravel: dentro do mesmo grupo nacional se observam ás vezes maiores diferenças entre os individuos de classe alta e de classe baixa, embora da mesma origem etnica, do que entre os de raças distintas, mas de identica situação economica e social. Sob esse criterio—a que aliás se assemelha, o de Spengler nos seus estudos de transplantação de culturas—a raça não é o bronze duro, estauesco, definitivo que outrora se supunha. E' plastica. Altera-se. E a acção mais criadora seria a da cultura—ainda mais que a do meio fisico. Daí a eutenia, em oposição á eugenia, os exageros dos eutenistas parecendo vir corrigir os dos eugenistas».

Lucie Delarue-Mardrus, a romancista e poetisa que tanto admiramos e tão bem conhecemos em Portugal, insurgiu-se ultimamente, no «Le Journal», contra o criterio excessivamente poetico das novas gerações literarias. Jovens escritores e escritoras já não pedem, no principio da sua carreira, a simples atenção e amparo moral dos mais velhos: —suplicam-lhes que lhes arranjem maneira de ganhar logo dinheiro. A crise economica e financeira do mundo justifica até certo ponto a interessante pretensão. Não se vive já de idade, e pouco pão? Ou, antes, o pouco pão tornou-se muito caro... Que diria, porém, Mme. Delarue-Mardrus se ouvisse a um petiz dos primeiros anos do Liceu—como nós ouvimos—preguntar quanto dinheiro tinha ganho Homero com a publicação da «Odisseia»?. Indignar-se-ia, sem duvida. O pior é que esta noção da literatura exclusivamente remuneradora, é geral, e pesa de maneira terrivel sobre a propria dignidade e beleza das obras de Arte. Mas não ha nada a fazer. Os genios que se defendam, se ha defesa que se aplique a tão lamentavel situação de espirito criador...

40 ANOS DE VIDA LITERARIA

UMA CADEIRA DA ACADEMIA

que ficou por preencher

Ha anos, o «Diario de Lisboa» defendeu a idéa de algumas mulheres portuguesas, escritoras de solido nome e de obra meritoria, tomarem lugar na Academia, como socios correspondentes. Não sabiamos se os regulamentos tal consentem; julgavamos então e julgamos hoje que nada se opõe a que uma mulher de letras enfileire ao lado de academicos consagrados.

Depois de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e de D. Carolina Michaelis—a primeira consagrada pelo espirito e a segunda pela ciencia—algumas senhoras quanto a nós mereciam, mais do que alguns homens, talvez, aquela honra.

E apontamos, entre quatro nomes, o de D. Ana de Castro Osorio.

E' que a obra da escritora a muitos titulos ilustre que acaba de desaparecer da vida—Mulher digna e digna Mulher de Letras—é na sociedade portuguesa, indiscutivelmente notavel, e quiçá insuficientemente apreciada. Nenhuma senhora na nossa terra soube ser, como D. Ana de Castro Osorio, «mulher» de letras. Tinha a castidade lusiada, um grande sentido imaculado e simpatico de Mãi. Todos os seus livros são «bons», dessa bondade moral e dessa graça literaria, desataviada de preconceitos, elegante, fina, suave e contente do seu destino. Como D. Branca de Gonta Colaço, poetisa e dulcissima, amoravel e feminina de fidalga casta literaria como D. Emilia de Sousa Costa—a escritora que ha dias deixou a sua cazinha portuguesa da rua do Arco do Limoeiro, foi o exemplo vivo da Mulher que viveu, pensou, escreveu na pureza imaculada de um vergel de letras.

Não fazia renda; bordava. Era mais pensadora e escritora do que artista. Tinha a aristocracia da simplicidade e o orgulho do proprio trabalho, que nunca contou uma sugestão. Mas nessa caracteristica da sua obra, na tranquilidade do seu estilo natural, na requintada graça da sua maneira afavel de caprichar a prosa—D. Ana de Castro Osorio deixou beleza, e a linguagem patria nalgumas das suas obras atinge o vernaculo.

A sua sensibilidade literaria foi sempre coada, como por um vitral de instinto, pela sua razão clara de mulher. A sua emoção aproximava-se mais da aguarela do que da agua-forte. Não ha pessimismo, nem tragedia no mais pequeno passo de um seu livro, mesmo não destinado a crianças.

Traçamos estas linhas com uma sentida ternura, exactamente depois de havermos lido o seu ultimo trabalho publicado «Quatro novelas» no qual a escritora, exemplarissima de probidade literaria, se despede dos leitores, com um sorriso infantil de avó, que se deixa ficar sempre menina. E ao lermos as paginas do «Diario de uma criança» não sabemos que mais admirar: se a sua simplicidade, reduzida á dificil arte florentina de tecer lavores, se o seu penetrante, agudissimo espirito de observação, só proprio de um escritor de grandes e luminosos olhos abertos para a vida.

Como alguns pintores predestinados, que parece que fixam o sol na materialidade das tintas, e quando retratam homens lhes agarram a alma—esta escritora, afastada de uma roda convencional de distinções, deixa na sua obra a boiar, como uma folha de rosa num lago quieto, a sua propria alma, inocente e esplendorosa.

Ana de Castro Osorio, *desenho de Raquel Bastos*

UM CONTO POR SEMANA

A CAZETA

Na planicie extensa, uma charneca quebrada ao longe por ondulações loirejantes de seara, estendia-se a via ferrea.

As suas linhas, paralelas, chispando luz, branquejavam, e, descendo, davam a ilusão de que se uniam nos confins da paisagem.

Esta era arida, a partir uns cem metros para além da cazeta. Perto desta, porém, havia um oasis de caricioso verdor.

Um renque de álamos, cujas folhas viravolteavam, ora prateadas, ora côr de esmeralda, ao contacto sereno da brisa, ramalhavam dôce, blandiciosamente.

Uma velha acacia, de flores amarelas, duma felpina de ouro, odoriferava como um grande turibulo vegetal dentro da cupula azul dum ceu de translucida, risonha, clareante luz.

Um eucalipto centenar, revestido de suas folhas em lamina de alfange, com tufos até a mais de meio do tronco, rumorejava austero, oferecendo a sua sombra que, pelo chão, esburacadamente mantejava.

A' beira duma grande méda de chulipas, que em boa ordem ali se acumulavam, flamejava a fogueira da malta, entre três grandes pedras denegridas, e, do alto, sobre ela, pendendo de uma alta vara chamuscada, via-se o caldeirão de cozinha, todo fuliginoso.

Sentados lado a lado, em uma chulipa que do monte esbarrondára, o Pelila e o Zoeira tagarelavam, divertidos.

—Ainda ontem os meus olhos a viram deitada ali á sombra da arvore, debaixo das flores amarelas. Davam-lhe as luzernas na cara. Estava toda esgargalada, mostrando os peitos. Dormia no chão duro como em cama da palha mais fôfa. Eh! môço! Tinha um ar tão satisfeito, que até mesmo a dormir parece que ria... Eu, vendo-a assim, nem sei que ganas me davam... Bonita, o raio da môça, não é Zoeira?—rematava Pelila, com olhos sonhadores.

—Bonita como poucas, lá isso é, mas cabra como o dêmo! Nêm «sê» como o Louro apara aquele jogo!...

—Não le mer'cia aquilo!...

—Lá se o merece ou não, isso é lá com eles... O que te digo é que, se fosse comigo, já tinha quebrado os ossos a ambos e mandado de presente ao diabo as peles, para aventais do inferno... Então, que pensas?!

Dizendo isto, Zoeira levantou-se, e empunhando a enorme colher de pau, denegrida, segurava, com a mão esquerda, ao alto, a corrente da caldeira, enquanto com a direita dava volta ao conteúdo cheiroso e fumegante.

Em seguida ateou o lume, quebrando no seu interior as achas, que chisparam faúlhas fazendo lembrar um cardume de pequenas estrelas.

Novamente sentou-se, e disse, muito pausadamente:

—Bonita como a um raio! Mas... cabra como o dêmo!...

Pelila quedou cismatico, mas Zoeira despertou-o, exortando:

—Gostas dela! Tábem!... Mas... não vale os riscos... Se o marido algum pilha estoira-«le» os ossos!...

—Qual pilha nem qual 'stoira, nem qual diabo!... E' bicho de raiva mansa, e ela tem-no p'lo beiço. Ele que se mexa!...

Os dois guardaram silencio, um silencio cortado pelo ramalhar da folhagem.

Zoeira fitava as labaredas côr de açafrão que ateára. Pelila arranhava com as grossas unhas anegradas a chulipa em que estava sentado, e bocejava.

Um agitar um tudo nada mais forte da brisa fez farfalhar mais alto as folhas e arrastou para o lado o fumo, que a ambos envolveu.

Pelila esfregou os olhos, que choravam, e ambos se levantaram.

Sem dizerem nada, mas como se mutuamente tivessem combinado, pegaram na chulipa e arrastaram-na para o ponto oposto, para lá da fogueira.

Naquela posição ficavam ao abrigo do fumo e com os olhos mesmo em frente da porta da «cazeta».

—Bôa!... Lá está ele... o superior... de pé... entre portas... de costas voltadas p'ra cá, e ela, sentada no portal... toda alegre, toda prazentêra!... —disse Zoeira, comedindo a voz.

Pelila, que ainda não tinha olhado para a cazeta, pôs nela os olhos e empalideceu.

—Ah! raio!...—praguejou entre dentes. Fôsse eu o Louro!...

—Como ela está contente! Não lhe vês a cara? Parece uma fogueira... e os braços... que brancos!... Nus até cima!... Lá se levanta... arruma a costura... Bom!... O superior entrou... Ela fecha a porta!... Que jôgo!... An Pelila? Que dizes tu?...

E Zoeira piscou o olho.

Como unica resposta, Pelila fincou a mandibula, num ranger de dentes, e, no seu rosto, a palidez mais se acentuou.

Voltou-se de flanco, como pessoa que muda de posição, para não querer vêr, e fitando a fogueira, disse, como cismando:

—Se ele chegasse agora!... o Louro... palavra que, se fôsse preciso... não se me dava nada de o ajudar!...

—Em bôas te metias!... Ajudar o quê?!... Lá se avenham!... Guarde a quinta quem é o dono!... Os de fora? Nada!...

E Zoeira, assim falando, acenava, ás bandas, a cabeça.

Na vasta extensão, de longe, soou um silvo de locomotiva, e, pouco depois, um como cansado arfar de monstro que desperta.

Aquele arfar aumentava, gradualmente, como se saisse do flanco da charneca e aproximava-se.

Pelila repetiu, num como anseio:

—Não se me dava nada de o ajudar!...

E o seu olhar perdia-se nos longes, como se fitasse algum ponto que o atraísse, como se divisasse na retina da sua vinhadores, e viu surgir, a uns trinta metros, para cá da agulha, que já tinha feito, o Louro, que para a cazeta se dirigia, em passo lento, cadenciado.

Novo silvo soou, muito agudo, muito perto, e, da volta da linha surgiu o comboio com o seu aspecto acarvoado na maquina, as armanhas abracadabrantes dos vagons com vasilhame ao alto e madeiramentos empilhados. Como um grande animal apocaliptico, monstruoso, rouquejante e fumacento, velozmente rastejava.

De repente, a porta da cazeta abriu-se, e, uma mulher de rosto afogueado, em saia branca, uma blusa côr de rosa, os cabelos um tudo nada desmanchados, empunhando a bandeira, assinalava.

Já o Louro chegara junto dos dois da malta.

Entre os três homens e a mulher interpunha-se o comboio, cujos vagons de medas a encobria.

Aquilo passou rapido, como um retalho de furacão que rolava para além, como um ruído de mar longinquo que pela charneca se prolongava amortecendo-se.

E, quando o ultimo vagon passou, a «Cazeta» estava fechada.

Mas, ao lado da porta dela, um homem alto, espadaúdo, bem trajado, fleumaticamente, fumava.

—Mariana!—bradou o Louro, para a casota do guarda.

O homem fleugmatico como que imperceptivelmente, sorria, olhando o grupo que formava Louro com os dois da malta.

Pelila, dizia quaisquer frases, baixo, ao recem-chegado, rematando: «o superior»...».

—Mariana!—bradou mais alto o Louro, batendo o pé, impacientemente.

O homem fleugmatico, nem mais nem menos que o engenheiro de via e obras Natario, voltára-se, caminhando lentamente, linha abaixo, e, mesmo de perfil, via-se que o sorriso ironico se lhe alargava.

—Mariana!—rouquejou o Louro, tremulo, com qualquer coisa de branco, de espumante, ao canto dos labios, e, como a porta se não abrisse, atravessou a linha, e pôs-se a dar grandes murros com as mãos herculeas, cabeludas, nas tábuas.

A porta continuava fechada.

O Louro sentiu-se tremer cada vez mais, vacilou, mais caiu do que se sentou no degrau de pau do limiar fechado, e metendo a mão direita na abertura da camisola por onde se via o selo quasi herculeo, denegrido, cabeludo, esfregava num desespero de dôr incalma, rude, torturante, o peito, os olhos razos de agua, ruminando convulso, num ranger de dentes:

—Mari...ana... Mari...ana... Mari...ana...

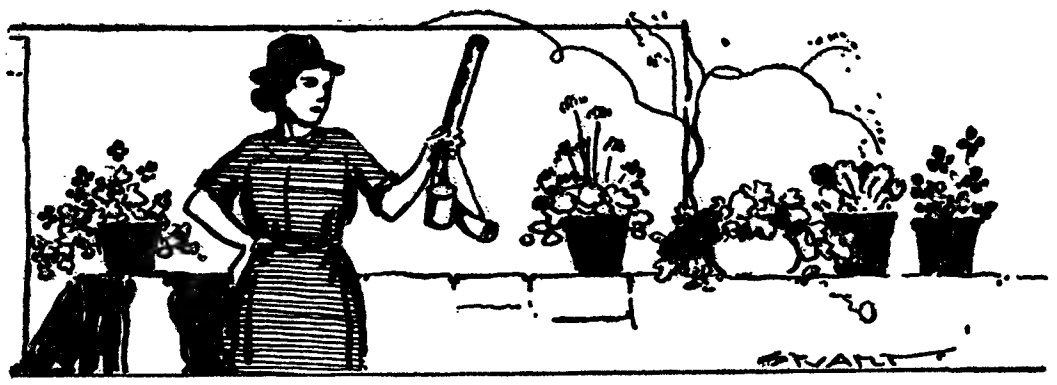
Uma forte rajada sacudiu as folhas dos alamos. O grande eucalipto batia os seus alfanges. Dois corvos, a par, no azul, crucitavam.

Zoeira ria baixinho e acotovelava Pelila, que continuava cismador e palido.

Em volta de tudo sentia-se um deflagrar de inebriante perfume, que a brisa arrastava.

Ao impulso de cada nova rajada caíam, lentas, muito lentas, uma agora, duas ou três depois, as flores de felpina de oiro, sensuais, delicadas, estonteantes, da velha acacia.

EUGENIO VIEIRA



O Sobrerealismo

na literatura brasileira

A titulo de curiosidade damos hoje um excerto da recente novela *O Anjo*, de Jorge de Lima, poeta brasileiro de emoção sobrerealista, cujas obras estão sendo avidamente devoradas entre nós.

E' uma obra arbitraria, cujas figuras lembram por vezes os boneccs animados de cinema tão paradoxalmente humanos como irreais.

O sobre-realismo, de que André Breton, em França, foi um dos iniciadores, tem em Jorge Lima um discipulo da mais pura e caracteristica mameira.

Quando o Heroi pintou o Anjo não pretendia efeito anecdotico. Nem deleitar ninguem. Nem fazer concessões ao publico. Nem tiranizar o pobre publico.

Moveram-se as suas mãos numa direcção subconsciente.

Porém, o quadro tinha mesmo uma força excepcional. Estabilidade geometrica de simplicidade primitiva, representava em poucas linhas um anjo humano com cara e jaquetão do amigo.

De cada lado asas ortogonais curtas dando impressão de asas de pinto debaixo das quais saiam como dois braços de espantalho as mãos grossas do companheiro.

Nem efeito anecdotico nem efeito superealista. Nem cubista. Mas porém tudo no quadro era intenso e economico.

As proprias cores ele fez, a fim de possuirem certos vermelhos, certos azues, tons a que o pessoal não estava acostumado. Por isso umas sensações moravam nessas cores.

O Anjo possuia a atitude veemente e ridicula ao mesmo tempo. Calçado de botinas e perneiras. Nos bigodes uma obliqua muito desinquieta. O ventre largo terminava em angulo recto perene como os angulos rectos, sustentando a horizontal dos ombros de balança. Tudo denotando a personalidade justa, o oiro-fio e a mediocridade dos anjos.

O povo ia entrando para vêr a exposição. Primeiro os amigos do Heroi, Imprensa, fotografos, etc.

O segundo quadro era a Bem-Amada. «Quadros sem disticos no catalogo).

O sexo em triangulo negro. Ombros hieraticos.

Era tudo uma usina de emoções grandessissimas.

Volume e côr chocavam tanto e o conjunto avultava tão sério e tão desagradavel, que emudeciam logo os camaradas que vinham sorrindo da representação do Anjo.

Que significa? Que significa?—preguntavam.

Mas todos estavam achatados diante da enorme tela. (Aliás a grosseria da arte do Heroi só se movia bem dentro de paineis mui grandes).

O Heroi fizera ele com subconsciente preso á atitude da morta que vira na meninice. Coisas do jogo desconhecido de suas hereditariedades, obsessões, taras familiares. Um violoncelo berrava naquelas côres, naqueles volumes, naquela mistica, só para crentes de sensibilidade bem sincera.

(Que significa? Que significa? — sibilavam).

Aquilo era uma mulher mas não imitava absolutamente uma mulher porque era justamente a Bem-Amada do pintor.

Se ele quizesse fazer as bem-amadas daquele publico, teria composto mulheres-átôa, anatomias, nus-artisticozinhos, libidinagens. Prazer de marafonas para o respeitavel publico.

A tela imensa—verdadeiro «building» em que só cristãos de inteligencia pronta se podiam mover com os otis de suas intuições—era uma mulher. Não imitava absolutamente uma mulher, porém traduzia uma sensação sexual cerebral transmitida do interior para o ambiente.

Um grande fundo mistico confundia côres e linhas, se confundindo nas molduras.

A exposição, inaugurada ás seis da tarde, foi invadida de snobes que tudo analisaram e deitaram erudição da Collection de l'Esprit Nouveau.

Depois vieram politicos, ministros, generais, etc. Olharam.

Depois sujeitos indiferentes. Daqui a um pouco pandegos que riram e mangaram.

As camadas se sucedendo como superposição de gerações. Ou como as especies de insectos que vão visitando a decomposição dos defuntos.

A's 10 horas da noite só o Anjo em carne e osso estava resonando junto das corbelhes. O Heroi tinha abalado. O Anjo acordou, abalou tambem procurando o Heroi.

Então ficaram os preciosos quadros, dos quais o mais barato valia quasi o preço de um sobrado arranha-céu.

Tudo deserto, entrou um ladrão. E não vendo nada de precioso de roubar, levou uma caixa de oculos.

Dez minutos com Campos Pereira

Raros são, em Portugal, os romancistas. Passando da fileira dos nomes consagrados para a outra da moderna geração, os valores tornam-se ainda mais escassos. Um, porém, surgiu ha pouco tempo, dotado de admiraveis qualidades, pesquizador inquieto do fenomeno da vida que, em lucidas paginas, criadas nos delirios altos da paixão, está fazendo o processo psicologico da vida lisboeta. O seu primeiro livro: «Cabeças Loucas», foi uma revelação. Não era ainda o romancista perfeito, mas era já, com defeitos cheios de virtude—o paradoxo é compreensivel—um construtor admiravel de tipos, que se excedia, sobretudo, na pintura dos ambientes sobreexcitados e das almas envenenadas de psicoses modernas. O que se seguiu, «Drama do Rio Belo», mais forte na maneira, mais seguro na trajectoria dos caracteres, tinha já o que em tecnica se denomina, economia literaria. E chegamos ao terceiro, «vient de paraitre», disputado nas livrarias, «Direito de Amar», esse «direito», de que o autor trata, nevrozadamente, um caso singular, e peculiar a certos meios. Campos Pereira é o romancista das paixões inquietas. A sua obra atormentada, com gritos de carne ferida, é duma dolorosa e enervante vibração. Nestes dez minutos, o escritor embora seja advogado, não se defende, chega mesmo a acusar-se numa volupia de verdade. Ides ouvi-lo:

—Em toda a minha obra pretendo obter uma finalidade social. Isto significa que não me cinjo á moralidade conceituosa, antes a repudio, criando uma moral infinita, onde todos os casos se possam resolver fóra dos habitos criados, das leis dos homens. O amor tem a sua inteligencia e nunca se adapta.

—A sua profissão de advogado não influi no que escreve?

—De certa maneira. Fornece-me casos, tipos a estudar. Tem graça que, quando saio fóra da verdade, a critica acusa logo o artificio...

—Quere dizer, então...

—Que procuro, através de tudo, ser real. E' mesmo impossivel conceber um romance, onde não haja traços de realidade...

—Como escreve?

—Dentro da noite, quando a cidade cai em comas, e eu ouço o bater vivo, embora cruel, das arterias... E, então, qunado trabalho. Vibro num estado de embriaguês conceptiva. Chego a escrever centenas de paginas, sem uma unica emenda. Sinto que, dentro de mim, as personagens se agitam como querendo existir, revelar-se, num grito doloroso, angustioso de vida... Por vezes, dá-se este caso estranho: as figuras desobedecem ao meu comando consciente; tomam autonomia. Movem-se para caminho diverso daquele que eu pretendia, e eu pregunto a mim proprio: «Que irá fazer este diabo?». E a verdade é que o seu procedimento e as suas acções excedem-me em bom senso e em desenvoltura.

—Quais as suas admirações literarias?

—Romancistas-tipos, e depois deles pouco se tem escrito que valha a pena, como «partido» de obra... Eça, primeiro de todos, o Filipe Trigo, da «Altissimo», D'Annunzio nas suas paginas voluptuosas e Bourget—porque não?—analista subtil da alma humana.

—Diga-nos alguma coisa do romance em Portugal.

—Muito fraco! Ha promessas, entre a gente nova, mas só promessas. Os do seculo anterior foram além de nós. Seguimos ainda na sua sombra, muitos anos depois.

Cai-lhe o Cabelo?...
Use **RUTHER.**
A' venda na **Farmacia Portugal**, Rua Augusta, 216.

"DESCRIÇÃO,,

CIRCO

A José Augusto

Nos meus tempos de menino,
quando a vida era brinquedo sem partir
e jôgo sem cansar,
eu gostava de ir ao circo.

Ali, na primeira fila,
muito composto entre o papá e a mamã,
com o fato de veludo liso como meus dias,
eu tinha contentamentos maiores que o de subir á árvore proibida do jardim.

Sem razão para me rir,
eu ria-me daquele homem muito sério e distinto, de preto.
com uma borboleta branca no colarinho
— o homem que sabia todos os números.

Ai! lindos cavalos brancos de tanta e tanta habilidade!
Tam diferentes dos meus
que eu tinha de puxar e não venciam obstáculos!
E as gentis amazonas ficavam nos meus olhos, a saltar.
e via-as mais tarde, em sonhos,
muito felizes com a convivência da brancura dos cavalos...

Vinham, depois, trapezistas.
E eu pasmava do milagre daqueles saltos
tam altos
e tam longos!
(A música cessava nos pontos mais perigosos e difíceis...)
Queria ficar tranqüilo
pois via rêdes, em baixo
e o papá tinha dito para que serviam, elas.
Mas o mêdo fechava os meus olhos.

Homens, com fardas vermelhas e grandes botões dourados,
transportavam, para o centro da pista, jaulas com feras.
Um homem, com farda mais vermelha e botões mais dourados,
um chicote na mão,
entrava em tôdas as jaulas.
As feras não o comiam. Obedeciam ao chicote e ao homem.
E elas eram verdadeiras como os animais ferozes das historias.

Um cavaleiro elegante
vinha intrigar com artes de ilusão.

E os palhaços? Eu quis ser palhaço...

Durante todo o espectáculo,
música própria só para o circo.

E, acabada a sessão, eu não queria sair,
embora soubesse que tudo acabara...

Hoje,
não rio do homem que faz de programa.
Sei que para os cavalos há obstáculos invenciveis, também.
As amazonas não têm vida de invejar,
nem pensam na brancura dos cavalos, mesmo quando os apresentam.
As rêdes protectoras dos trapezistas podem matá-los.
Vi dar às feras bebidas e picadelas
que as deixam como ficam os homens com certas picadelas e bebidas.
Ouvi o prestidigitador explicar todas as suas sortes.
Os palhaços são mais tristes que eu, tu e a vida.
Só a música do circo é a mesma, em meus ouvidos...

Vida!
E's feita de brinquedos partidos e jogos já jogados!
Porque não deixas ser o circo igual em tôdas as idades?

TEMPORAL

A Valery Larbaud

Nesta casa, só eu, o frio e o mêdo.
Lá fora, a chuva e o vento.

As gotas de água, escorregando na vidraça,
são lágrimas que não choro.
No escuro do jardim, vejo fantasmas
— formas de sombras que fazem mais negra a escuridão da minha noite.
As árvores contorcidas são os meus pensamentos loucos.
A casa do jardim, sem luz, é o meu cérebro sem entendimento.

O mar é uma féra a rugir contra o vento que é outra.
Sôbre as ondas, lá longe.
as luzes dos barcos aparecendo, sumindo-se,
são meus nervos vibrantes.
A multidão, na praia, grita, reza,
e é o meu mêdo a dizer a existencia provável de Deus.
O meu mêdo é maior que o frio e a casa...
O vento assobia mais
e a chuva, na minha face, põe lagrimas.

— Naufrágio! — ouço gritar.
Tombo no chão exausto.
Dentro de mim, o mar, um barco, uma luz a apagar-se...

ALBERTO DE SERPA

(Do livro *Descrição, edição, Presença*, recentemente publicado).

POMBOS CORREIOS

● Aparece brevemente um novo livro de ensaios de Alves de Azevedo, intitulado: *Elogio da Juventude.*

● Está nas livrarias a segunda edição dos *Ensaios de Critica e Estetica,* do professor sr. dr. Henrique de Vilhena.

● Antonio Botto tem no prélo um livro intitulado: *Dar de beber a quem tem sêde,* para adultos e crianças.

● Sai brevemente mais uma edição da *Derrocada do Imperio vatua e Mousinho de Albuquerque,* de Julião Quintinha. Esta tiragem foi aumentada com trezentas paginas, que muito valorizam esta obra capital da nossa epopeia africana. Julião Quintinha concluiu um romance, de ambiente lisboeta, de cujo titulo guarda reserva, e um livro de novelas que possivelmente se denominará: *Castelos na areia.*

● Napoleão volta á actividade literaria. Além das suas *Cartas a Maria Luiza,* já traduzidas em português, acaba de publicar-se em França uma obra de vulto: *Santa Helena,* dividida em dois volumes, *O captiveiro de Napoleão* e a *Morte do Imperador,* de Octave Aubry, que, para o seu estudo, foi de propósito áquela ilha.

● Albino Lapa vai publicar dois livros de grande interesse: *Historia dos Paineis de Numo Gonçalves* e o primeiro volume da *Historia da Segurança Publica em Portugal,* este recheado de documentos curiosissimos.

● A Feira do Livro, que está anunciada para maio, terá dois mercados: o dos editores, que será no Rossio, e o dos alfarrabistas na praça de Camões.

● Eugenio Vieira está trabalhando activamente em dois livros: *Aguias,* romance de fundo, e *Conceitos e Reflexões,* obra de caracter filosofico.

● Livros recebidos esta semana: *Frei Luiz de Sousa,* de Alberto Freitas da Camara, animada narrativa historica e *Descrição, poemas,* de Alberto Serpa, em edição da *Presença.*

● No proximo dia 31 comemora-se em Cordova o VIII centenario de Maimónides, sabio israelita que nasceu naquela cidade espanhola e com Samuel Naguid marca o apogeu da ciencia hebraica que no seculo XII floresceu em Portugal e Espanha.

● Está no prelo «O cavaleiro de Oliveira», de Aquilino Ribeiro na colecção de «Ontem e Hoje».

● O brilhante poeta Augusto Casimiro, que regressou ha pouco a Portugal, tem concluidos varios trabalhos literarios. Um, intitula-se: «Cartilha Colonial» e vai ser editado, com ilustrações de Correia Dias, pela Sociedade Luzo-Africana do Brasil.

Augusto Casimiro pensa distribuir profusamente a sua «Cartilha» pelas escolas da America do Sul, frequentadas por pequenos portugueses.

● O poeta Eugenio de Castro tem já pronto o discurso que vai pronunciar, no dia 11 de maio. na Academia Real de Bruxelas.

● Sob o pseudonimo de Hebreu acaba de sair uma interessante novela, intitulada: «Nas cinzas dum amor...» A edição é da «Novela Moderna».

● Livros portugueses que se venderam mais durante a semana: *Discursos,* do sr. dr. Oliveira Salazar e *Cartas de Napoleão a Maria Luiza,* tradução. Livros franceses: *Galere de la liberté,* de Barthelemy e *Saint Helene,* de Octave Aubry.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUÊS

Castelo Branco Chaves

critico e ensaista

afirma que o intelectualismo predomina na actual produção literaria

CASTELO BRANCO CHAVES

Castelo Branco Chaves pertence ao grupo intelectual da «Seara Nova». E' dos seareiros mais novos. Despertou cedo, em plena mocidade, estuante de entusiasmo para arrotear a leiva sagrada do pão espiritual. E' dos raros novos que, por atitude elegantemente convencional. não é pessimista. Crêl Pensar é acreditar, é construir, é, pelo menos, renovar.

Eis o que tem sido a obra deste admiravel moço que, nos seus livros de critica, se tem afirmado uma personalidade de caracteristicas proprias, vigoroso e concreto na analise, realista nos processos e sempre humano, sincero, comunicativo de optimismo e de esperança. Enquanto os outros, por impotencia ou por odio sistematicamente destroem, negam, ou deminuem, Castelo Branco Chaves carreia os materiais da sua obra, ajustando-os, aparelhando-os numa bela escalada arquitectonica. Nas paredes mestras desse edificio literario, ha lugares de devoção para os mestres contemporaneos do pensamento e da literatura portuguesas. Referimo-nos á sua série de estudos sobre Raul Brandão, Teixeira Gomes e outros vultos contemporaneos. Humanizados por uma aliciante compreensão eles vivem, embora a morte ou a ausencia os tivessem distanciado de nós.

Castelo Branco Chaves tem, nos «Estudos Criticos», uma das suas melhores obras. duma singular penetração analitica, que o afirma, sem duvida, um dos melhores ensaistas da actualidade. E' o livro duma geração, o seu processo e o seu ideario, numa oposição de equivalencias, em que ele é sereno e douto juiz. Discipulo de Antonio Sergio—Castelo Branco Chaves segue agora sozinho o seu caminho, embora honrando o mestre.

—Quais as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—Afigura-se-me que a caracteristica predominante da produção literaria dos nossos dias, especialmente no romance e na poesia, é um *anti-intelectualismo* que domina e obsidia os escritores de mais diferente organização e provindo dos mais opostos campos.

—Pode desenvolver o seu pensamento?

—Mas imediatamente. Estar em «moda» seduziu sempre a gente nova e esse influxo da moda anti-intelectualista da nossa epoca é evidente na literatura portuguesa actual. Tudo o mais se deriva desta caracteristica o que explica, segundo creio, que verdadeiros talentos literarios, ricas organizações mentais estejam produzindo uma obra admiravel quanto ás qualidades propriamente literarias, mas por certo obscura quanto á sua esesncia. Intuições sem conceito constituem obscuridade e uma literatura que se confina sómente no dominio dos afectos e das apetencias permanece não direi na treva, mas no crepusculo; não direi no imperfeito mas no incompleto. Tem de ser uma literatura substancialmente rudimentar, embora, como no caso de muitos dos novos escritores, dotada de notaveis qualidades de imaginação e de forma.

—O anti-intelectualismo...

—O anti-intelectualismo coaduna-se, aliás, com a nossa indole literaria, toda sentimental, afectiva, lirica naquilo que o lirismo tem de mais individualmente subjectivo, isto é, um lirismo que só nos grandes teve um valor representativo universal e uma significação tipica. O lirico português, em geral, nas suas obras, não traduz a alma humana objectivando os seus sentimentos ou paixões, generalizando os acidentes da sua vida sentimental, moral ou intelectual. Faz confidencias; daí o nosso lirismo, através dos seus diversos aspectos, forma se modas, ser ingenuo quando não infantil. Temos por certo grandes liricos mas, nesta literatura que se considera sumamente lirica, são muito poucos.

—Curiosa essa observação!

—De resto a literatura portuguesa é composta de individualidades singulares e não tem um espirito proprio e caracteristico que a homogenise, uma tradição através da qual se possa marcar um genio proprio e inconfundivel como acontece, por exemplo, com as literaturas francesa, castelhana ou russa.

«Agora, como sempre, só algumas individualidades fortes e originais nos podem salvar da copia servil da moda literaria estrangeira e Proust, James Joyce e Bergson estão, sem culpa nenhuma, é certo, sendo causadores de tantos dislates como o foram Boileau ou Beaudelaire, Scott ou Zola, Rousseau ou Augusto Comte.

—Ha caracterisadamente, uma nova geração literaria em Portugal?

—Como em Tunis ha sempre um «bey», em Portugal ha sempre uma nova geração literaria. Importa, porem, saber as suas tendencias, observar a sua atitude, investigar qual a missão que lhe incumbe. Ha gente nova que escreve que pelo seu conformismo pelo seu tradicionalismo, não pode constituir uma nova geração literaria. A dos ultra-romanticos, a de 1890, parte da geração de 1910, por exemplo.

«E' pelo seu revolucionarismo, pelo seu «não-conformismo» que as gerações marcam e interessam. As gerações inteligentes são revolucionarias.

—E a nova geração?

—E' «não-conformista» e revolucionaria. Cumpre-lhe sê-lo no verdadeiro sentido do termo—isto é: fazer a revolução pelas idéas. A obra de emancipação humana que se lhe impõe é «principalmente» pela ciencia, pela moral, pela arte e pela justiça que se obtem. Outros processos serão necessarios, sem duvida, mas são insuficientissimos, por certo.

—Pode definir-se uma escola?

—Como as questões de regime, no campo politico e social, as questões de escola, no campo literario, desapareceram. Hoje já não é isso que interessa pois se vai mais além. A escola literaria sempre foi uma criação mais ou menos retorica e artificial O que existe são duas ou três correntes esteticas e ideologicas que dominam uma epoca literaria. As caracteristicas ha que as ir buscar á essencia espiritual das obras. O resto é uma questão de tecnica.

—Formas literarias?

—Predominam o romance e o ensaio, novo genero ainda em desenvolvimento. Ha, porém, generos errantes servidos por verdadeiros talentos literarios. A obra de Teixeira Gomes, por exemplo.

—O romance tem cultores de envergadura?

—Tem, e admiraveis. Entre os mais velhos Malheiro Dias e Aquilino Ribeiro. Entre os novos José Regio, que é tambem um admiravel poeta, Rodrigues Migueis, Gaspar Simões, Ferreira de Castro.

—A critica e o ensaio?

—A critica toma proporções de seriedade em Portugal não só quanto aos processos mas tambem pelo numero de ricas individualidades e fortes culturas que a exercem.

—A' parte algumas...

—Figura marcante de critico e aquela que hade ficar na historia da cultura no nosso tempo com um singular destaque, é, sem duvida, Antonio Sergio. Quando se apagarem as paixões, se extinguirem os odios e tiverem murchado as invejas, a obra de Sergio aparecerá no seu real valor. Joaquim de Carvalho marca tambem na critica das idéas um lugar notavel bem como Rodrigues Lapa com os seus estudos sobre a literatura e cultura portuguesas. Vieira de Almeida destaca-se tambem e é de lamentar o seu silencio prolongado.

—Mas ha mais...

—A colecção de ensaistas de 30 anos que Joaquim de Carvalho editou, quando dirigia com tanta inteligencia e nobreza a Imprensa da Universidade, veio revelar, entre os novos, valiosas vocações de criticos e ensaistas cheios de originalidade e talento. Entre os novos que nessa colecção ou fóra dela publicaram trabalhos de critica, destaco Santana Dionisio com o seu *Antero*, Agostinho da Silva, grande espirito e rica cultura humanista, Vitorino Nemesio com a *Mocidade de Herculano*, Osorio de Oliveira com *Geografia literaria*, Gaspar Simões com *Temas* e *O Misterio da Poesia*, Casais Monteiro com *Considerações Pessoais*. Muito que divirja de alguns não deixo de lhes admirar o seu talento.

—«Sear- Nova», «Presença», «Renascença».

—A ultima destas três revistas está morta, como morto está o movimento saudosista.

«*Presença* considero-a uma das mais notaveis revistas de novos que têm aparecido em Portugal. Embora afastado do espirito que a anima e que ela representa com brilho e honra — julgo-a necessaria e util no nosso meio literario.

«Da *Seara Nova* posso parecer suspeito ao referir-me a ela, pois que sou seu colaborador efectivo e pertenço ao grupo de que ela é orgão. Essa revista representa um dos mais sérios e heroicos esforços que em Portugal se tem feito para a reforma da mentalidade que o mesmo grupo preconisa como essencialmente necessaria ao nosso país. Circunstancias a ela alheias, mas que sobre ela pesam e para a eclosão das quais não concorreu, têm-lhe restringido o ambito de acção. A chama, porém, não se apaga, e, mesmo pequena, a sua luz é sempre clara e o seu calor vivificante. Pequeno grupo que não é nem pode ser composto por muitos, devem-lhe muito os novos de Portugal.

— Ha, de facto, ambiente em Portugal que favoreça o fenomeno literario?

— Não ha; e um dos elementos que mais pode contribuir para que ele exista parece não agradar muito aos autores. Refiro-me á critica. O escritor português recebe mal as apreciações da critica e o leitor luso lê-as ou com desconfiança ou com indignação. Para ambos a critica ou é louvor ou insulto e, no fundo, todos a julgam actividade parasitaria do espirito.

E com tristeza:

—Depois ha os 70 por cento de analfabetos e parte dos 30 por cento que seria talvez preferivel que não soubesse lêr — uma vez que lê tão mau e tão mal. Acresce o mal as condições em que trabalha o escritor português que, tendo de ganhar em misteres diversissimos da sua vocação o prato de lentilhas, pouco tempo pode consagrar ás suas obras e ou se acanalha, ou abandona a vocação ou então leva uma dura existencia de trabalho, sem aquela continuidade que tão necessario é aos trabalhos do espirito.

— O que sairá de tudo isto?

— Entramos no dominio da profecia. Pode-se ir para pior — pode-se ir para muito melhor. Tudo depende da orientação que as novas gerações derem ao seu esforço e á dignidade, grandeza e brilho com que quizerem marcar o seu lugar.

PERCEBEU MUITO TARDE...

Passado o primeiro sobresalto, percebeu.... mas muito tarde, porque foi despreza: a
A tez maravilhosa, a pele tão branca da sua rival foram disso a unica causa

E' um processo de rejuvenescimento realmente milagroso que foi colocado ao alcance de todas as mulheres, pelo Prof. Dr. Stejskal da Faculdade de Medicina de Viena d'Austria, pela sua recente descoberta do Biocel. Ele demonstrou que a «pele pode comer» e que alimentando-a com este potente alimento dos tecidos—o Biocel obtido de animais novos, este sabio clinico permitiu a rostos de 50 a 72 anos de idade desembaraçarem-se das rugas profundas, de esticar novamente a pele, torna-la mais rija, de conseguir em suma, um novo aspecto de juventude que se conserva (ver o relatorio no jornal Medico de Viena).

Os direitos exclusivos de utilização do Biocel foram adquiridos por Tokalon. Use o novo Creme Tokalon (côr de rosa). Alimento para a pele, em leves maçagens, todas as noites antes de deitar (como vem explicado), ele alimentará e rejuvenescerá a pele durante o sono. De manhã use o Creme Tokalon (côr branca) não gorduroso que suprime os poros dilatados, os pontos negros, branqueando deliciosamente a pele de 3 tons, em 3 dias, tornando-a fresca e aveludada,

Encontra-se á venda nas perfumarias e nas boas lojas da especialidade. Não encontrando dirija-se ao Deposito Tokalon de Lisboa (Secção D. L.) 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.

AERO PORTUGUESA

Correio e passageiros
Entrega de correspondencia para
Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul
Em todas as estações do Correio até sexta-feira, ás 17 horas
Na Central dos Correios até às 21 do mesmo dia e sabado até às 8
LISBOA - AMERICA DO SUL
EM 3 DIAS
Informações: Aero Portuguesa
Rua do Alecrim, 33 - Tel. 2 3571
Agencia Havas-Wagons Lits-Cook

HISTORIETAS EXEMPLARES

(Continuação da 2.ª pagina)

nhos cerrados no peito arfante e amotinado:

—Se cá vem outra vez, mato-o!

—Por amor de Deus, que assomos são esses? O José Antonio, além de filho do seu socio, é um rapaz digno criado na religião do lar, incapaz de pronunciar uma palavra que não seja irrepreensivel.

—Pois sim, mas anda lá...

—Que encobrem as suas reticencias, papá? Pela primeira vez, declaro que o não entendo. Se o José Antonio não pode vir cumprimentar-me, demorando-se uns segundos, é que desconfia tanto dele como de mim...

Não se conteve mais o pobre Manuel Antunes que desatou, num copioso pranto, a opressão que o sufocava.

—Acredito tanto em ti que morrerei, se me abandonares.

—Não se faça criança, pois o José Antonio ainda ontem me afirmou que velará pela sua felicidade como eu propria. Quem ha de ser o seu sucessor na fabrica?

Aqui desabou o derradeiro reduto da sua resistencia: o coração e a razão comercial fundiram-se num harpejo.

—E ele estimar-te-á, como mereces?

—Queremo-nos tanto um ao outro que, de tanto nos querermos, contamos por tormentos as horas que nos separam.

—Avisa-o de que lhe envio a minha benção.

Maria Dulce deitou-lhe os braços ao pescoço, envolveu-o num amplexo dos que principiam nos braços e terminam no infinito, segredando-lhe com jubilo, molhado de lagrimas:

—Vais presenciar, papázinho, como a felicidade se reparte liberalmente, sem que haja um tirano a presidir á sua distribuição. Se Deus quizer, bastará para avós, filhos e netos...

—Que a tua santa mãi me absolva pela tua bondade e nunca pelos rigores a que a sujeitei.

28-III-1935

JOAQUIM MANSO

MENSAGEM ESTETICA

Os artistas raridades de excepção

e outras palavras alto e bom som

Mais do que com jubilo, é com grande respeito que vejo pela primeira vez na minha terra, os poderes publicos ao lado da arte mais nova de Portugal.

Já não era sem tempo!

Mas, se não tivesse chegado ainda o dia de hoje, a nossa fé de artistas seria a mesma de sempre.

Benvindos, pois, os poderes publicos e mais quem os trouxe até aos nossos trabalhos.

A razão de eu estar hoje aqui, ao lado dos meus companheiros de Arte, é muito simplesmente a de serviço de honra. Estou de minha parte servindo a causa, a unica pela qual me tenho batido sempre e como português—a Arte.

Estou fazendo acto de presença, não por mim, que nada tenho para que momentaneamente me justifique aqui, como pelo meu ardente desejo de que em Portugal nunca mais nenhum artista português tenha de passar vicissitudes, como as passadas por mim na minha patria, desde os meus quinze anos de idade até hoje!

Julgais que me refiro a miserias corporais? Bem mais negra do que a fome é a falta de cultura dos nossos compatriotas, e pior do que esta a falta de reconhecimento pelos poderes publicos daqueles que trabalham no sseus legitimos lugares!

Ser artista é um resultado directo da humanidade e da sociedade; é um lugar legitimo de determinadas individualidades, e nas quais a acção dos poderes publicos poderá apenas reconhecer os seus valores, social e humano.

Isto é, os poderes publicos jámais poderão conseguir por seus meios formar artistas; porque os artistas é só a humanidade e a sociedade quem os destina. Aos poderes publicos compete-lhes tão sómente não ignorar e reconhecer os determinados valores que a humanidade e a sociedade lhes indicam.

Pois, por mais logico que isto nos pareça, nunca assim se fez em Portugal!

O sistema burocratico-administrativo português obedece cegamente a leis intangiveis de escalonamento e nem sequer pode admitir a hipotese das verdades de excepção. Pois os artistas são raridades de excepção: Mandou-os que o fossem, a humanidade e a sociedade. Não poderão deixar de os reconhecer como tais os proprios poderes publicos.

Ha pouco referi-me ás vicissitudes por mim passadas na minha patria, durante toda a minha mocidade e juventude; e só para que o meu pensamento fôsse mais claro nesse instante, lembrei ao mesmo tempo as dos meus queridos companheiros. Porém, foi a totalidade dos meus companheiros que sofreu e passou, como eu, as mesmas vicissitudes.

Eu tive a honra de ter tido por companheiros, os mais variados e completos valores de portugueses, como os não encontrei melhores nas juventudes estrangeiras! E' onde estão eles hoje? Mortos uns, destroçados outros, asfixiados todos!

Já ha tempos e aqui nesta mesma sala, numa conferencia intitulada «Arte e Artistas», fiz todo o possivel para que os poderes publicos nos escutassem.

Foi em janeiro de 33. Dava o exemplo dos nomes de Antero de Quental, Soares dos Reis e Mouzinho de Albuquerque, três dos maiores portugueses do seu tempo, um poeta, um escultor e um militar, para dizer que estes três suicidios tinham um mesmo e unico motivo: «São um mesmo e unico suicidio, são o mesmo e unico protesto contra a colectividade, contra a sua incompetencia para com os seus individuos, isto é, a falencia da autoridade colectiva.

Estes três suicidas não são o protesto unanime de três anonimos quaisquer. Não, e pelo contrario, é precisamente o violentissimo protesto dos três mais evidentes portugueses e os maiores da sua geração!

Esses três suicidios são o mesmo e ultimo aviso—ultimo aviso!—a uma colectividade que não soube cumprir os seus deveres para com os seus individuos, e foi, por isso mesmo, comprometer de preferencia a acção e a vida, exactamente dos mais aptos para a sua «élite»!

Porque, quanto mais capazes estão as individualidades para servir uma colectividade, mais violenta e desesperada se torna a sua desaptação»

Estas palavras vieram a proposito dos poderes publicos portugueses, não terem atendido nunca as raridades de excepção, que as ha em todos os sectores da vida nacional, e sobretudo em Arte, onde não ha senão raridades de excepção

Estou a pensar o complicado que estas coisas seriam para mim se, por acaso, o destino mandasse que eu fôsse dos poderes publicos. Em todo o caso meditaria em que existem raridades de excepção. Como a propria «élite» é, afinal, uma raridade de excepção.

Mas eu não nasci para os poderes publicos.

Ha assuntos que não são simples, que são complexos; e um destes, e o mais complexo entre os assuntos humanos é precisamente o da Personalidade: Toda e qualquer personalidade é trabalho puramente individual, e não haverá nunca caminho comum que conduza cada qual á sua propria personalidade!

Para terminar, desejo dizer que até este momento fômos classificados de loucos por causa da nossa arte pessoal; durante vinte anos não encontrámos na nossa patria senão os raros companheiros e os inumeros amigos; mas desde este momento são os proprios poderes publicos que vêm pessoalmente á nossa casa; e até os nossos inimigos de ontem se sentam hoje connosco á mesma mesa!

Artistas de Portugal, vamos exactamente a meio caminho!

Artistas de Portugal, tende fé, continuai a trabalhar!

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

(Discurso pronunciado no banquete de artistas, promovido pelo Secretariado de Propaganda Nacional, comemorando a I Exposição Oficial de Arte Moderna).

POETAS MODERNOS

NEGRA

E'bano em vibração, de fórma bem talhada
vulcânica, sensual, libidinosa, impura.
núa, lembra uma estátua antiga abandonada
num canto de museu, em noite muito escura.

Condenada ás galés da côr e condenada
ao nojo de quem tem na pele a ideal brancura,
a Negra — estranha onix — deixa-se, incendiada,
vencer pelo olhar de uma alva criatura!

Sua epiderme é negra; é negro o seu olhar
é negro o seu abraço e é negro o seu desejo.
Tudo em si tem-lhe a côr! Mas nada a comparar

Ao fogo que a incendeia e que a torna mais dúbia,
quando um lábio de branco acaricia e beija,
o rigido negror dos seus seios de núbia!

Mario Hora

Qual foi a 1.ª edição facsimilada dos «Lusiadas»

Sr. Director:—Na secção «Pombos Correios», do seu «Diario de Lisboa» (Suplemento Literario de 8 do corrente mês), a proposito da edição «fac-similada» do «D. Quixote», saida ha pouco em Madrid, vejo a noticia de Portugal ter a prioridade nesse genero editorial. E' certo que ao nosso país cabe essa honra, mas a verdade é que antes do sr. dr. Jaime Cortezão publicar a edição «fac-similada» dos «Lusiadas» a que v. alude, já anteriormente em 1886 o falecido litografo da Imprensa Nacional Joaquim Eusebio dos Santos, tinha feito a reprodução da 1.ª edição do imortal Poema, adoptando o processo fotolitografico que ao tempo era o mais usado e ainda hoje muitos editores estrangeiros usam de preferencia aos processos de gravura quimica.

Ainda a proposito da reprodução «fac-similada» de obras portuguesas, merecem tambem ser mencionadas o «Missal de Estevão Gonçalves», cujo original existe na Biblioteca da Academia das Ciencias, o qual foi impresso em Paris em 1875, editado por um livreiro brasileiro, e o «Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende», editado pelo benemerito bibliofilo sr. Archer M. Huntington de New York, a quem se devem outras reproduções entre as quais a de dois romanceiros espanhois.

Esperando que v. me dê a honra da publicação destas linhas, subscrevo-me com toda a consideração.—De v., etc.—**José Ferreira dos Santos.**

REUMATICOS

Sereis rapidamente aliviados com a aplicação duma pasta de

THERMOGENE

Algodão revulsivo e resolutivo, que descongestiona o sitio onde doi

Vende-se em todas as farmacias.

TIPO CREADO POR MR JOSEPH LABORDE, PROFESSOR DA ESCOLA DE OENOLOGIA DE MONTPELLIER

INCOMPARAVEL VINHO BRANCO DE MESA

O MELHOR PARA PEIXE, MARISCOS E «CUPS»

HA TAMBEM «GRANDJÓ» 1919, 1918 e 1910

ENCONTRA-SE EM TODAS AS BOAS CASAS E NA FILIAL DE LISBOA

R. DO ALECRIM, 117 a 121

TELEFONE 2 2556

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

«RUTHER»—pelo seu poder antiseptico, pelo seu forte poder tonificante, combate a **Caspa e todas as doenças do couro cabeludo**, facilitando ao mesmo tempo o **crescimento do cabelo.**

A' venda na **drogaria J. C. Miguel & Filhos.**—61, Avenida João Crisostomo, 63.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

Serviço á Carta, rapido, abundante e perfeito.

PANORAMA INTERNACIONAL

O problema do momento

Damos, a seguir, indicação de algumas obras que podem ser consultadas proveitosamente por quem deseje conhecer o problema das relações franco-alemãs, do advento do hitlerismo e das caracteristicas deste movimento, bem como das suas repercussões sobre a paz da Europa.

Em primeiro lugar deve citar-se o volume, hoje considerado classico, de Jacques de Bainville intitulado «Historia de dois povos continuada até Hitler». As fases essenciais do duelo secular travado entre francezes e alemães são ai apresentadas com um rigôr historico que constitui o principal merecimento do livro. E não é o grupo politico em que Bainville enfileira que pode ser acusado de vêr, com menos clareza, o desenrolar da luta cujo desenlace parece aproximar-se.

«Nós não tivemos outro trabalho, escreve Bainville, se não o de continuar a historia dos dois povos até aos nossos dias, para demonstrarmos que todas as faltas se pagam, e que as faltas mais graves são as que dizem respeito ás idéas».

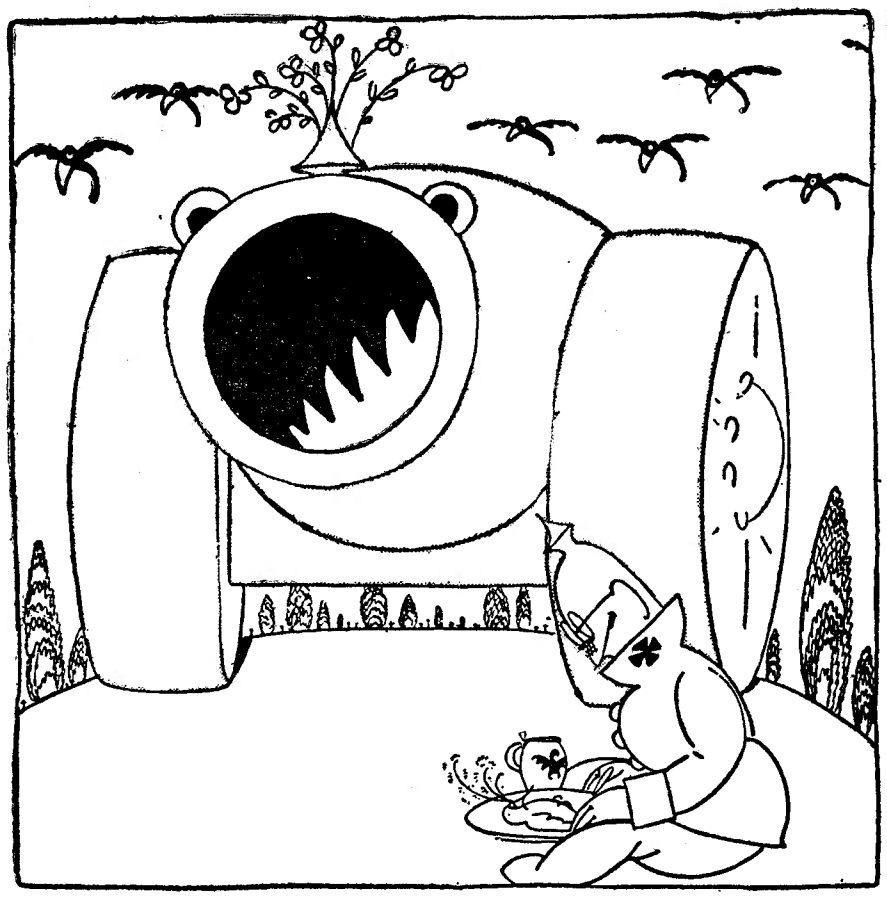
Ainda como instrumento de consulta pode ser apontado o volume de Luiz Reynaud «Franceses e alemães» que, como o seu proprio autor o classifica, constitui uma historia, de resto muito bem concebida, das relações intelectuais e sentimentais entre os vencedores e os vencidos da ultima conflagração.

O livro de Fernand Brinon «França-Alemanha» é o documentario completo e elucidativo das relações entre os dois paises, descritas a partir da assinatura da paz. Brinon aparece-nos como um comentador sereno e imparcial dos acontecimentos, o que se pode chamar um temperamento realista procurando tirar dos factos as conclusões mais vantajosas para o entendimento que estaria na base da tranquilidade europeia. Os seus escritos, não tendo o fogo sagrado dos partidarios que muitas vezes vêem com estranha lucidez, realizam um esforço honesto e sincero de compreensão e boa vontade.

«1935, paz com a Alemanha», encerra a previsão dum estudioso calmo e objectivo, Régis de Vibraye, que já consagrara o seu nome com a publicação duma obra completa sobre os excessos de certos nacionalismos. A parte historica aparece-nos tratada com clareza e segurança, sendo alguns dos pontos de vista do autor duma poderosa originalidade.

Jules Romains quiz trazer, para o debate, o tributo dum homem da esquerda a quem o horror da guerra nem sempre deixa ver claramente as duras realidades do presente. Por isso o seu livro «O par franco-alemão» vale principalmente como um hino entusiastico á causa da paz.

ACTUALIDADE, por Bagaría



A Alemanha devorando a pomba da paz

Sobre o advento do hitlerismo devem citar-se a magnifica colecção de reportagens de Philippe Barrés «Sob a vaga hitleriana» onde aparecem documentados tantos dos episodios que conduziam o mundo ao estado de inquietação em que ele agora se debate; «Como eles são», uma colecção de biografias dos chefes nazistas, constituindo valioso subsidio para a historia da nossa época; e os dois volumes que encerram o jornal politico dum general da Reichswehr e que têm estes titulos, bem significativos: «De Weimar ao Cahos» e «A hora de Hitler». Sobretudo o segundo contem revelações impressionantes que esclarecerão os leitores sobre certos acontecimentos que ainda continuam a ser, para muita gente, objecto de duvida ou de descrença.

Sobre as tendencias actuais da nação germanica, as suas aspirações, a sua ansiedade e as reivindicações que arvora como essenciais devem considerar-se valiosos elementos de informação os livros que publicaram F. Sieburg «Defesa do nacionalismo alemão», e Ernst Erich Nofh «A tragedia da mocidade alemã».

Sieburg e Noth são dois escritores vigorosos animados pela chama dum talento indiscutivel, e se as suas narrativas não se coadunam, em certos pontos, com a realidade, nem por isso deixam de revestir um alto significado literario, documentando as aptidões artisticas dos escritores germanicos da ultima geração.

Livros reveladores

O rearmamento dos alemães tem dado lugar a uma larga e elucidativa controversia. O «Livro branco» inglês não deve ser excluido do conjunto da produção literaria e politica que ao assunto se tem referido, em termos de apaixonar a opinião publica de todo o mundo.

Mas injustiça seria não referir os homens que, desde a primeira hora, desassombradamente puzeram a sua pena ao serviço da causa da paz, apontando os verdadeiros factores de guerra existentes na Europa.

Ha cêrca de três anos apareceu um livro que teve então grande retumbancia e que se apresentava com este titulo sugestivo: «A Alemanha sempre armada». O seu autor, Paul Darcy, havia-se munido duma documentação rigorosa fazendo a demonstração insofismavel de que, desde a assinatura do Tratado de Paz, os dirigentes do Reich, socialistas, catolicos ou democratas, pensaram exclusivamente na forma pratica de sabotar as clausulas militares de Versailles. Sob o ponto de vista historico o livro de Darcy deve considerar-se como o trabalho mais completo que se tem elaborado sobre materia tão importante.

Depois do advento do hitlerismo, a tarefa do rearmamento intensificou-se em termos de sobressaltar as chancelarias e os povos. Os ingleses estudaram mais particularmente o problema nessa fase. Os depoimentos que recolheram apareceram ha pouco coligidos no livro de Woodmann «Hitler rearma» cujos capitulos, escritos com uma grande copia de pormenores tecnicos, constituem um libelo gravissimo contra o incremento dado pelos alemães a certas armas modernas, especialmente a aviação militar, os gases e a preparação quimica.

A ameaça alemã

O academico André Chevrillon realizou um trabalho meritorio compilando, em volume, os depoimentos dos chefes da Alemanha moderna que denunciam, duma forma clara e insofismavel, as intenções belicosas e imperialistas da maior potencia da Europa Central.

Antes da grande guerra, nos anos tragicos de 1912, 1913 e 1914, editaram-se, com identico objectivo, algumas obras.

Não conseguiam elas, porém, despertar a consciencia europeia adormecida ou receosa, e a catastrofe surgiu.

De entre os trabalhos então publicados ainda hoje pode ser consultado, com proveito, o «Chauvinismo alemão» que o professor Otto Nippold preparou e que é constituido por um grande volume, apesar de o seu autor ter escolhido apenas os testemunhos agressivos da Imprensa germanica, publicados em 1913 e 1914.

«A ameaça alemã», que André Chevrillon arranjou cuidadosamente, tem sobre as obras a que acabamos de aludir uma superioridade incontestavel: a da unidade de pensamento realizada pelo autor.

Chevillon, possuindo uma cultura historica e filosofica pouco vulgar, pôde realizar obra perfeita no genero a que se dedicou, explicando, numa série de capitulos fundamentados, as origens e o desenvolvimento da tendencia expansionista caracteristica do genio alemão. As teorias dos modernos doutrinadores racistas, especialmente dos que prepararam o advento do III Reich, Adolfo Hitler, Sieburg, Moeller van der Bruck são feitas com escrupulosa serenidade e apresentadas ao mundo, no seu funcionamento actual, as grandes alavancas da propaganda da pan-germanista que o dr. Goebbels superiormente orienta e comanda.

Uma reportagem

O jornalista polaco Conrad Wrzos fez, em avião, uma volta ultra-rapida ás nações que rodeiam a Alemanha. Assim percorreu a Belgica, a França, a Suiça, a Austria, a Dinamarca interrogando os seus homens de Estado e os seus elementos intelectuais mais representativos, a quem fez a pregunta inevitavel que depois escolheu para o volume em que coligiu a sua reportagem: «Para quando a guerra?».

Não se trata, porém, apenas duma colecção feliz de impressões colhidas nos grandes centros onde a hipotese dum novo conflito enche de preocupações os homens, qualquer que seja a sua situação e grau de cultura. O livro de Conrad Wrzos encobre um significado muito mais amplo e possui condições muito mais convincentes para ser considerado detidamente. O jornalista que o escreveu não deixou, tambem, de escutar, com atenção, os seus compatriotas representativos a quem fez a mesma pregunta ansiosa.

Os depoimentos recolhidos não são de molde a encorajar as aspirações pacifistas da esmagadora maioria dos povos interessados e ameaçados. Os que prestaram Dollfuss e o ministro dos Estrangeiros polaco Beck constituem uma prova concludente dos perigos que ameaçam a Europa, e só se agravaram depois de publicadas as cronicas que constituem o livro de que nos ocupamos. Muitos outros elementos de informação ele encerra dando-lhe a categoria dum autentico documentario indispensavel ao estudo do problema das relações internacionais.

A PAZ MUNDIAL EM PERIGO!

Os armamentos secretos da Alemanha — As manobras navais inglesas: Os Açores, base "inimiga" — O ataque á costa portuguesa

Duas graves questões da maior actualidade, tratadas magistralmente no oportunissimo romance-documentario:

A Grande Ameaça

A guerra de amanhã

Uma obra de Adolfo Coelho

Uma edição da Livraria Classica Editora

1 grosso vol. Esc. 10$00

A' venda em todas as livrarias e na Filial do Diario de Noticias, L. Trindade Coelho.

ZENITH - Recorder